



Filosofia e Ciência. Redesenhando Horizontes

INDICE

EDITORIAL	2
MATÉRIA DE CAPA	3
<i>Por que as leis naturais são como são?</i>	<i>3</i>
Entrevista com Antônio Augusto Passos Videira.....	3
<i>"Há urgência de pensar uma nova ética global"</i>	<i>7</i>
Entrevista com Nelson Gomes	7
<i>A universidade não deve se transformar numa empresa.....</i>	<i>10</i>
Entrevista com Ana Luísa Janeira	10
<i>Filosofia, bioinformática e tecnohumanismo</i>	<i>12</i>
Entrevista com Timothy Lenoir.....	12
DESTAQUES DA SEMANA.....	16
LIVRO DA SEMANA	16
Um mundo sem sujeitos	16
Por Néstor García Canclini.....	16
ENTREVISTAS DA SEMANA	21
"A Terra não é azul"	21

Entrevista com Ronaldo Rogério de Freitas Mourão	21
O uso dos transgênicos na agricultura “é um terrível engano”	23
ARTIGO DA SEMANA.....	26
O declínio da classe média	26
Por Robert Kurz.....	26
DEU NOS JORNAIS	30
FRASES DA SEMANA.....	33
EVENTOS IHU.....	36
IHU IDÉIAS	36
Mídia e Terror.....	36
A cidade e a cultura digital	36
ENCONTRO DE ÉTICA PARA ALUNOS	39
SALA DE LEITURA.....	39
Pe. João E. Rick.....	39
Por Arthur B. Rambo.....	39
ABRINDO O LIVRO	40
II CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL	40
Uma Pedagogia do Outro: Convite para reler a Pedagogia do Oprimido	41
Por Danilo Streck.....	41
EVENTO CELEBRA 3 ANOS DO IHU	42
RELIGIOSIDADE MIDIÁTICA: UMA NOVA AGENDA PÚBLICA NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS?	42
CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA. UMA NOVA PUBLICAÇÃO DO IHU	43
TERRA HABITÁVEL: UM DESAFIO PARA A HUMANIDADE.....	43
O CAOS DEDILHADO EM PLANILHAS EXCEL	44
IHU REPÓRTER	44
CARMO HEINEMANN	44
SALA DE LEITURA.....	46
CARTAS DO LEITOR	47
Enquete no sítio do IHU	47
Acesse www.ihu.unisinos.br e participe!	47

EDITORIAL

Redesenhando Horizontes foi o sugestivo título do Colóquio Internacional Filosofia e Ciência, realizado na semana passada, aqui na Unisinos e promovido pelo PPG e pelo Curso de Graduação em Filosofia, sob a coordenação da Profa. Dra. Anna Carolina Krebs Pereira Regner e o Prof. Dr. Luiz Rohden. Como entender os questionamentos gerados pela bioinformática e pela nanotecnologia? Como entender as novas demarcações de um saber e um fazer “científico” comprometido com o nosso tempo e

que se projeta no nosso futuro? Qual o impacto de uma reflexão filosófica sobre a ciência em sua inserção sociocultural contemporânea? Tais foram algumas perguntas e questionamentos que orientaram os debates nestes dias. Conceitos como pós-humano e tecnohumanismo foram trabalhados no evento.

Trazemos algo deste debate no **IHU On-Line** desta semana. Entrevistamos alguns dos conferencistas do Colóquio: Antônio Augusto Passos Videira, professor na UERJ, Nelson Gomes, professor na UnB, Ana Luísa Janeira, professora na Universidade de Lisboa, e Timothy Lenoir, coordenador do Programa de História e Filosofia da Ciência da Universidade de Stanford.

A discussão acima é retomada, sob outras perspectivas, pelo astrólogo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão e pelo antropólogo argentino Nestor Canclini.

O tema de capa deste boletim, certamente, será retomado em outros momentos pelo IHU. Assim, já está previsto, para o mês de outubro, o debate sobre Bioinformática: uma nova perspectiva para compreender a vida e, no mês de novembro, a apresentação do livro **The Computational Beauty of Nature: Computer Explorations of Fractals, Chaos, Complex Systems and Adaptation**, de G. W. Flake. Cambridge: The MIT Press, 2000.

A realização do **Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade**, sob outros olhares, igualmente retomará o mesmo tema.

Por ocasião do terceiro aniversário de criação do Instituto Humanitas Unisinos, nesta semana, será lançada mais uma publicação do IHU: Cadernos de Teologia Pública. Dois números inaugurarão esta nova caminhada.

A todos e todas uma excelente leitura e uma ótima semana!

[\(Voltar ao índice\)](#)

MATÉRIA DE CAPA

POR QUE AS LEIS NATURAIS SÃO COMO SÃO?

Entrevista com Antônio Augusto Passos Videira

Conforme o Prof. Dr. Antônio Augusto Passos Videira, a filosofia da ciência deve perceber a ciência “não apenas como um tipo específico de conhecimento, mas percebê-la dentro do seu processo de desenvolvimento histórico, de interação com outras formas de conhecimento e nas suas relações com os diferentes grupos que constituem a sociedade”. Entrevistado pessoalmente por **IHU On-Line**, ele declarou-se “favorável a um diálogo da filosofia com a ciência, a sua história”, pois disso podem resultar “transformações profundas no fazer filosófico, pois talvez o objetivo da filosofia se modifique”. O professor ministrou a conferência “Cosmologia e Filosofia da Ciência”, durante o **Colóquio Internacional Filosofia e Ciência: Redesenhando Horizontes**. Videira é doutor em Filosofia pela Université de Paris VII, e fez pós-doutorado nas Universidades de Évora, em Portugal, na Unicamp, Universidade Federal da Bahia, e na Universidade Federal de Santa Maria. Professor adjunto da Uerj desde 1995, publicou vários artigos em revistas nacionais e estrangeiras, o livro **Henrique Morize e o ideal de ciência pura na República Velha**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003, e organizou vários livros, entre os quais citamos **Einstein e o Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995; **O que é vida? Para entender a biologia do século XXI**. Rio de Janeiro: Relume Dumará,

2000; e **Temas de Filosofia da Natureza**. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. O professor Videira coordena o grupo de trabalho em Filosofia da Ciência da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof). Ele é também secretário adjunto da Anpof e secretário da Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul (AFHIC). O professor Dr. Antônio Augusto Passos Videira participará do **Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade**, em que orientará a oficina “A física no século XX”.

IHU On-Line – O quê é a cosmologia moderna e qual a sua importância para a ciência?

Augusto Videira – A importância da cosmologia moderna para a ciência é fundamental. Entre outras questões, a cosmologia se coloca a seguinte: qual é a origem das leis naturais? Nós sabemos que a ciência moderna acredita na existência de leis naturais, mas por que o problema da origem delas é importante? Por que as leis naturais têm a forma que elas têm? Por que elas são como são? Ou ainda: por que os fenômenos, ao obedecerem àquelas leis, o fazem de uma determinada forma? Para que essas leis não sejam tão arbitrárias, seria interessante se nós pudéssemos compreender as suas origens. No campo da ciência, a disciplina que poderia perguntar-se a respeito desse tema, seria a cosmologia, pois ela se preocupa com a origem do universo. Ou seja, caso seja possível compreender a origem do universo, poderemos compreender a origem das leis, pois elas teriam se originado com o universo e, de acordo com a formação responsável pelo surgimento do universo, essa mesma formação também seria responsável pelo surgimento das leis. Assim, a cosmologia poderia nos ajudar a compreender aspectos muito importantes da ciência. Outro aspecto importante é a relação entre a consciência e o conhecimento. Ou, como alguns cosmólogos costumam dizer, qual é a relação entre a existência da consciência e a existência de um universo. Para muitos, a consciência seria responsável pelo modo segundo o qual o universo é. Dito de outra forma, o universo é como é, porque existe uma consciência que é a nossa. Esse tipo de argumento é conhecido como o “princípio antrópico”, para o qual existem várias formulações diferentes, de acordo com o grau de radicalidade que se queira dar ao papel da consciência. É um assunto controverso.

IHU On-Line – Como dialogam a cosmologia e a filosofia? Qual a importância desse diálogo para compreender a sociedade contemporânea?

Augusto Videira – Eu acho que a cosmologia tem, paulatinamente – e eu digo paulatinamente, porque isso ainda é controverso, nem todos os cosmólogos, nem todos os cientistas aceitam questões como as antes referidas –, cresce o número de cosmólogos favoráveis a um diálogo muito forte com a filosofia, pois percebem que a cosmologia tem possibilitado que se façam questões as quais a filosofia já propõe há muito tempo. Por exemplo, a cosmologia vem incorporando perguntas do tipo “por que as leis naturais são como são?”, que é uma questão tipicamente filosófica, pois indaga pelo motivo. Segundo o cosmólogo George Ellis¹, dependendo das indagações que são atribuídas ao escopo da cosmologia, nós encontraremos questões da filosofia. Então, me parece que o diálogo é natural. Por outro lado, falar sobre a importância desse diálogo para a sociedade contemporânea é algo extremamente complexo. Sabemos que a cosmologia, historicamente, envolve perguntas do tipo “o que é o homem?”, “o que é o mundo?” e “qual é o lugar do homem no mundo?”. E sabemos que essas indagações foram respondidas não apenas pela cosmologia ou pela filosofia, mas também pela teologia. Portanto,

¹ **George Ellis** é professor de sistemas complexos na Universidade Cape Town no Departamento de Matemática. É co-autor, com Stephen Hawking, do livro **The Large Scale Structure of Space-Time**, publicado em 1973 e é considerado um dos principais cosmólogos do mundo. Neste ano de 2004, ele recebeu o Templeton Prize por sua pesquisa sobre os aspectos filosóficos da cosmologia. Ele também lutou ativamente contra a *apartheid* do seu País. (Nota do **IHU On-Line**).

na sociedade contemporânea, dependendo do escopo que se queira dar à cosmologia e o que vai influenciar o tipo de diálogo que a filosofia vai manter com a cosmologia, nós poderemos nos deparar com o diálogo entre a cosmologia e a teologia. Trata-se de uma questão que deve ser abordada cautelosamente. Nesse momento, estamos mexendo com idéias muito caras para um ou outro lado da ciência ou da teologia. Não podemos utilizar conseqüências cosmológicas, balizadas e validadas pela ciência para justificar formações teológicas. O exemplo mais conhecido é o da criação do universo. Nós sabemos que a cosmologia ainda não dispõe de conhecimentos suficientes para explicar como o universo se originou, e alguns teólogos, no que, às vezes, são acompanhados por alguns cosmólogos, dizem que aí está um limite para a ciência, que nada poderia falar sobre a origem do universo. Então, se abriria um espaço para um discurso teológico. De todo o modo, independentemente da resposta que se queira dar, a minha posição atual é que nós devemos respeitar a possibilidade de que esse diálogo aconteça. Parece-me que a cosmologia e a teologia podem manter um diálogo, mesmo que ele não resulte numa posição consensual. Mas não podemos ignorar que existem teólogos interessados em se basear em conclusões cosmológicas em favor dos seus discursos teológicos. Ou o contrário: que temos cosmólogos interessados em manter os teólogos distantes, não permitindo o uso das suas conclusões. Até que ponto a cosmologia pode nos ajudar a dar sentido à nossa existência? Essa indagação é delicada, porque, tradicionalmente, a ciência moderna não se preocupa com esse tipo de tema. É importante reconhecer a complexidade desse tema ao invés de colocá-lo debaixo do tapete. É preciso possibilitar o diálogo, pois se não chegarmos a uma resposta, poderemos chegar a algo importante que é estabelecer as diferenças. E respeitá-las a partir daí, o que eu acho fundamental.

IHU On-Line – Qual é a influência exercida pela metafísica sobre a ciência?

Augusto Videira – Considerando a vastidão do tema, vou me limitar apenas à relação entre metafísica e cosmologia. Essa relação é bem evidente: a metafísica pode ser definida como um discurso sobre a estrutura mais fundamental do mundo ou da natureza, e a cosmologia precisa desse discurso, na medida em que ela não tem como comprovar muitas das suas conclusões. A cosmologia sofre de uma certa restrição às suas observações. Por exemplo, a cosmologia trata do universo, definido como sendo o todo, tudo aquilo que existe – ainda que essa existência seja determinada pelas leis físicas, o que exclui a consciência. De todo o modo, ainda que tenhamos uma restrição desse tipo, essa totalidade que é constituinte da definição da cosmologia, ela não pode ser objeto de observação. Mesmo porque nós, seres humanos, que construímos a cosmologia, integramos essa totalidade. Não temos como sair dessa totalidade e observá-la, a não ser através da nossa capacidade teórica. Ou seja, a metafísica é importante para a cosmologia, na medida em que ela nos ajuda a estabelecer definições que permitem à cosmologia se fundamentar em certos princípios, sobre uma certa base sem a qual ela não pode funcionar, não pode se constituir. Então, a cosmologia não apenas mantém uma relação com a metafísica, mas mantém relação de dependência, não total e completa, mas trata-se de uma relação presente e atuante. E é bom que os cosmólogos a reconheçam. De uns anos para cá, eles têm se mostrado um pouco mais liberais quanto a essa relação. Se, durante muito tempo, a ciência queria ver a metafísica o mais longe possível, a partir do momento em que a cosmologia surgiu como uma disciplina científica – e hoje ela é uma disciplina científica - os cientistas reconheceram que a cosmologia mantém uma relação muito forte com a metafísica.

IHU On-Line – Quais são os grandes desafios que persistem no diálogo entre a filosofia e a ciência e destas com a sociedade contemporânea?

Augusto Videira – Normalmente, o diálogo entre filosofia e ciência foi organizado da seguinte questão: que tipo de conhecimento é a ciência? Ou seja, a filosofia preocupa-se com a ciência apenas como uma forma de conhecimento, interessada em saber quais as características inerentes à ciência justificam aquilo que a ciência considera ser, isto é, verdadeira, objetiva, intersubjetiva, entre outros aspectos. O problema é que essa perspectiva é muito restrita. Eu acho que a filosofia devia olhar para a ciência, como vem acontecendo de uns anos para cá, não apenas como um tipo de conhecimento, mas como um tipo de práxis, pois a ciência envolve outros princípios que não são apenas relativos à sua estrutura como um certo tipo de conhecimento. Sem dúvida, esses princípios existem para muitos, a ciência seria um tipo de conhecimento distinto da religião, por exemplo, mas a ciência é muito mais do que isso. O que eu acho que cabe fazer agora é perceber que a ciência tem uma dimensão social e política que é inerente a ela mesma. Nós não podemos compreender o que é ciência, se nós não nos preocuparmos em perceber de que modo a ciência consegue influenciar as nossas vidas, a sociedade. Não podemos pensar, por exemplo, que a divulgação científica é uma atividade marginal à ciência. Ela faz parte intrínseca da ciência, pois é por meio dela que a ciência pode falar com o mundo que não é ciência, mas que depende da ciência. E a ciência precisa disso, cada vez mais, porque é extremamente cara e o destino dos recursos nela aplicados exigem critérios transparentes. Isso não é algo marginal mas só recentemente os filósofos estão se preocupando com esse tipo de problema. Mas nós não sabemos ainda como incorporar essas discussões, incorporar um problema relativo à transparência e distribuição dos recursos sem que as questões concernentes à natureza da ciência como conhecimento sejam abandonadas. O grande desafio é juntar essas indagações. Precisamos redesenhar esses horizontes, como diz o título do colóquio realizado pela Unisinos.

***IHU On-Line* – Como o saber científico e especialmente as universidades podem comprometer-se mais com a sociedade?**

Augusto Videira – Nós temos que pensar, cada vez mais, no contexto da aplicação. Vamos desenvolver um conhecimento? Mas para quem? Para quê? A que preço? Quais são as conseqüências positivas e negativas desse conhecimento? Isso não deve ser pensado, como ainda é regra, como uma limitação à ciência. Não podemos manter uma postura que ainda é a principal, segundo a qual o cientista desenvolve uma teoria e não se preocupa com os usos, que seriam de responsabilidade dos políticos. No que diz respeito à estrutura da universidade, no momento em que nós ensinamos, formamos os nossos alunos. Nós ainda não sabemos transmitir-lhes esse tipo de responsabilidade, o que é uma falha muito séria. A universidade deve incorporar a responsabilidade social à nossa formação, ao lado do ensino da pesquisa. Deve definir como vamos integrar o nosso conhecimento ao mundo, que está para além das fronteiras da universidade ou da ciência. Esse desafio deve ser enfrentado o mais rapidamente possível em função dos riscos de toda a ordem que estamos enfrentando, como os ambientais e sociais.

***IHU On-Line* – Qual é o impacto de uma reflexão filosófica sobre a ciência em sua inserção sociocultural contemporânea? Qual a ressonância desse impacto nas condições do fazer filosófico?**

Augusto Videira – Respondendo à primeira indagação: eu acho que é fundamental, pois nós temos que ver a ciência não como um elemento distinto da cultura. A ciência é uma forma de produção cultural e tem que se perceber como um elemento estruturante que pode estar em igualdade com os outros elementos constituintes da sociedade. Tendo em vista a visão de mundo que nos domina, perceberemos a ciência como um elemento, se não inteiramente à parte,

ocupando um lugar distinto dos demais. A ciência tem que evitar de se colocar num pedestal, precisa dar espaço, por exemplo, à posição de quem não deseja comer alimentos transgênicos – e isso não significa que essa recusa seja proveniente de uma pessoa sem cultura. Como incorporar essa posição? O problema, muitas vezes, é que, devido à presença da ciência no nosso mundo, até que ponto as conclusões científicas devem ser impostas ou incorporadas pelos outros? Quanto à segunda parte da pergunta, embora esse tema me interesse, eu não tenho uma resposta organizada. O que eu diria, no campo da filosofia da ciência, é que ela deve perceber a ciência não apenas como um tipo específico de conhecimento, mas percebê-la dentro do seu processo de desenvolvimento histórico, de interação com outras formas de conhecimento e nas suas relações com os diferentes grupos que constituem a sociedade. No fazer filosófico, sou favorável a um diálogo da filosofia com a ciência, a sua história, a ética... E isso pode resultar em transformações profundas no fazer filosófico, pois talvez o objetivo da filosofia se modifique. Portanto, é preciso haver diálogo.

IHU On-Line – Quais são os principais desafios que o ecossistema global representa para o pensamento econômico e social contemporâneo?

Augusto Videira – Penso que seria obrigatório incorporar esse tipo de tema às nossas reflexões. Temos que pensar na preservação da natureza, por exemplo. Não há como sustentar que todo e qualquer tipo de progresso é válido, ou que qualquer tipo de modelo econômico é válido. De maneira alguma. E não digo isso porque o meio ambiente está ameaçado, mas é preciso considerar o impacto sobre as nossas vidas do tempo que perdemos nos deslocando, considerar como estão se dando as relações entre os seres humanos... Temos que pensar que os critérios econômicos não são decisivos de modo algum, pelo contrário. O índice mais importante na economia não deve ser o da confiança dele na economia. Ou eu só existo, porque consumo? Se quisermos manter uma relação equilibrada e estável com os outros e com o meio ambiente, não poderemos continuar consumindo do jeito que consumimos. Qual é a capacidade de sustentação que o planeta tem diante dessa voracidade consumista? Estamos nos acostumando de modo perigoso a viver em *shoppings centers*. E o *shopping* de São Leopoldo é igual ao do Rio de Janeiro que é igual ao de Londres. Isso é triste e ruim. Acho que devemos incorporar esses temas nas nossas reflexões, incorporar essas preocupações às nossas práticas como pesquisadores e professores.

[\(Voltar ao índice\)](#)

"HÁ URGÊNCIA DE PENSAR UMA NOVA ÉTICA GLOBAL"

Entrevista com Nelson Gomes

O filósofo Nelson Gomes vê, com otimismo, a possibilidade de formular uma nova ética que leve em conta os problemas de sobrevivência do ecossistema. "Há muitos problemas que estão no caminho, mas creio que hoje temos que colocar a questão da universalidade da ética na globalização, porque a globalização universalizou os problemas. Hoje não queremos soluções que atinjam simplesmente uma determinada comunidade. Temos uma interdependência entre todas as comunidades existentes no Planeta. Como a ecologia está se transformando, cada vez mais, numa questão de sobrevivência da Terra, uma ética voltada para problemas ecológicos é uma exigência do nosso tempo", salienta. Nelson Gonçalves Gomes concedeu ao IHU On-Line a entrevista a seguir, por telefone. Ele é professor titular da Universidade de Brasília desde 1976, onde coordena o mestrado em Filosofia. Doutor em Filosofia pela Universidade de Munique, Alemanha, tem pós-doutorado em Filosofia na Universidade de Munique e na London School of Economics (Departamento de Filosofia). Nessas instituições e na Universidade de Oxford e Universidade Hebraica de

*Jerusalém, fez estágio sênior, assim como no Centro Internacional de Fundamentos das Ciências, em Salzburgo, na Áustria. É também bolsista-pesquisador do CNPq desde 1985, além de membro do Comitê Assessor de Filosofia do CNPq e do Conselho de Ensino e Pesquisa da UnB. Tem publicações nas áreas de lógica, história da filosofia com ênfase no positivismo, ética e filosofia da psicologia. É organizador do livro **Hegel**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981. Durante o **Colóquio Internacional Filosofia e Ciência: Redesenhando horizontes**, o professor Nelson foi o responsável pelo debate "Lógica dialógica e comunicação ideal".*

IHU On-Line - No Colóquio, o senhor abordará a lógica / dialógica numa comunicação ideal. O que isso significa?

Nelson Gomes - A lógica / dialógica consiste, basicamente, num sistema no qual se discute uma tese no contexto de um diálogo entre duas pessoas: o proponente e o oponente. O proponente, apresenta uma tese, por exemplo, "amar a natureza é uma coisa boa, positiva". O proponente e o oponente, seu interlocutor, debatem-na. A discussão não acontece de qualquer maneira. Há uma série de regras que devem ser observadas. E, ao final do diálogo, se, por ventura, o oponente é levado a uma espécie de situação sem saída, não pode ou não tem mais objeções a fazer, ele perdeu o diálogo. Ganhou o proponente.

IHU On-Line - O que essa lógica / dialógica teria a dizer em um mundo marcado por fundamentalismos?

Nelson Gomes - A lógica / dialógica é apenas um instrumento. Ela não é ética. A ética é outro assunto. A lógica / dialógica pode ser um instrumento da reflexão ética. É uma forma de mostrar como as pessoas podem dialogar. A parte da filosofia que reflete sobre todas as questões do mundo contemporâneo, cada vez mais difícil, é a ética. Não é propriamente a lógica / dialógica. Evidentemente, o fundamentalismo é a negação do diálogo, ele consiste simplesmente em afirmar-se uma posição.

IHU On-Line - Como o senhor vê a possibilidade de uma ética universal que privilegie a relação do ser humano com o ecossistema?

Nelson Gomes - Eu vejo isso com otimismo. Há possibilidades reais de pensarmos nisso. Há muitos problemas que estão no caminho, mas creio que hoje temos que colocar a questão da universalidade da ética na globalização, porque a globalização universalizou os problemas. Hoje não queremos soluções que atinjam simplesmente uma determinada comunidade. Temos uma interdependência entre todas as comunidades existentes no Planeta. Pensar em termos de uma ética universal é muito natural. Como a ecologia está se transformando, cada vez mais, numa questão de sobrevivência da Terra, uma ética voltada para problemas ecológicos é uma exigência do nosso tempo.

IHU On-Line - Qual pode ser a contribuição das religiões para uma ética global?

Nelson Gomes - Realmente não tenho uma boa resposta para dar, ou pelo menos uma resposta que seja fruto do raciocínio e de reflexão, mas posso dar uma resposta parcial. Entre os gregos antigos, havia a crença de que o mundo era habitado por deuses. Cada objeto, por exemplo uma árvore, teria um Deus dentro de si. O mar teria deuses dentro de si. Isso é algo que pode levar as pessoas a ter uma relação de maior respeito para com a natureza. As diversas religiões hoje estão levando as pessoas, pelo menos em alguns casos, à guerra, à violência. Em todo o Planeta, há várias guerras que têm como base a religião. É só pensar nos problemas gravíssimos que o Ocidente está tendo com os muçulmanos. Nesses confrontos, o elemento religioso é importante. Ou se pensarmos na Irlanda do Norte, problemas entre

católicos e protestantes, o elemento religioso é importante. Eu não saberia definir as religiões com precisão, porque elas podem ser muito úteis para aproximar os homens em muitos casos, mas também podem levá-los à destruição. Infelizmente, temos exemplos históricos das duas coisas. Mas, com certeza, as religiões são fontes de relações éticas e morais.

IHU On-Line – Como a frase evangélica “tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês mesmos também a eles” (Mateus 7, 12)² poderia ser base para uma ética universal?

Nelson Gomes - Essa frase é melhor formulada negativamente. É melhor colocar assim "não fazer ao outro aquilo que eu não quero que seja feito a mim". Por exemplo, uma pessoa masoquista pode querer que façam coisas ruins para ela, e isso não é bom, porque não é por isso que ela poderá fazer coisas ruins para os outros. A formulação negativa é melhor. Essa regra "não fazer ao outro aquilo que eu não quero que seja feito a mim" chama-se, em ética, a regra de ouro. E essa regra está presente no ensinamento de inúmeras religiões e de inúmeros sistemas éticos. É uma regra, sem dúvida nenhuma, central no pensamento ético. Muitas teses éticas podem ser derivadas daí.

IHU On-Line - Quais os principais desafios que o senhor vê no diálogo entre ciência e filosofia?

Nelson Gomes - O principal desafio no diálogo entre ciência e filosofia consiste, precisamente, em se definir o que a filosofia pode fazer, para que se entenda melhor a ciência. Em segundo lugar, em que a ciência pode enriquecer a filosofia. Essas questões são, até hoje, mal resolvidas. O naturalismo, uma corrente filosófica, vai dizer, em última análise, que a filosofia pode fazer muito pouco, ou talvez nada, para que a ciência tenha um entendimento melhor de si mesma. Na verdade, o filósofo, segundo os naturalistas, seria incapaz de trazer contribuições importantes para o entendimento da ciência. Em outras palavras, a ciência poderia ser entendida estudando-se a própria ciência. A ciência é que estaria em condições de levar ao entendimento dos seus próprios procedimentos. Esse é o desafio, essa questão colocada pelo desafio contemporâneo: encontrar uma boa resposta em torno dessa questão. Presentemente, os naturalistas, hoje, têm um grande prestígio filosófico. Há estudos muito importantes e crescentes em torno do naturalismo. E se o naturalismo tem razão, finalmente a filosofia não ajuda no entendimento da ciência. Essa é uma questão a ser esclarecida.

IHU On-Line - O senhor acha que haveria também uma necessidade de maior diálogo entre ciência, filosofia e os problemas da sociedade contemporânea?

Nelson Gomes - Sim, mas acho que temos que manter as coisas separadas. Uma coisa é a relação entre ciência e filosofia, outra coisa é a relação dos problemas da sociedade com os problemas da filosofia e com os problemas da ciência. São coisas que não devem ser colocadas no mesmo conjunto de preocupações.

IHU On-Line - Mas não estaria faltando às instituições científicas, às universidades, uma abertura maior aos problemas da sociedade?

Nelson Gomes - Isso é uma outra questão. A questão, por exemplo, de saber como a universidade deve formar as suas pessoas, seu pessoal, alunos, professores, no sentido de pensar em profundidade as questões da sociedade. É importante que as questões não sejam mescladas, porque saber se a filosofia tem algo a dizer sobre a ciência é uma coisa. Saber que

² A tradução é da Bíblia Sagrada. Edição Pastoral. Edições Paulinas. (Nota do *IHU On-Line*)

problemas sociais o filósofo pode ajudar a resolver, é outra coisa. São blocos diferentes de problemas: filosofia, ciência, sociedade. Não há a menor dúvida de que a preocupação em torno da sociedade é crucial. No final das contas, a ciência deve aperfeiçoar o homem. Essa já é uma frase de Spinoza. E eu diria que a filosofia também. Essa é uma preocupação fundamental.

IHU On-Line - Que momento está vivendo a filosofia?

Nelson Gomes - De um modo geral, eu não diria que a filosofia está vivendo um momento particularmente brilhante. Não estamos na situação em que estávamos, por exemplo, em 1950, 1960, ou até nas décadas anteriores, quando, então, a filosofia discutia sobre o trabalho de grandes cabeças, como Heidegger ou Bertrand Russel, Husserl, Sartre, etc. No momento, esses grandes nomes não estão aí. Há filósofos famosos, sem dúvida nenhuma, pensadores, como Locke, mas não há aqueles grandes trabalhos. Com respeito ao Brasil, temos, hoje, 27 programas de pós-graduação, entre mestrado e doutorado e houve um crescimento quantitativo da filosofia e da produção filosófica. Quanto a isso não há dúvida. Ainda falta o crescimento qualitativo. Havendo o crescimento quantitativo, evidentemente aumenta a probabilidade de um crescimento qualitativo também. Mas esse ainda não aconteceu.

[\(Voltar ao índice\)](#)

A UNIVERSIDADE NÃO DEVE SE TRANSFORMAR NUMA EMPRESA

Entrevista com Ana Luísa Janeira

*As instituições pelas quais é conduzido o saber científico, correm o risco de depender de tal forma das indústrias que possam se transformar numa fábrica. A afirmação é da filósofa portuguesa Ana Luísa Janeira que apresentou o tema A ciência é também feita de lei humanas, durante o **Colóquio Internacional de Filosofia e Ciência: Redesenhando Horizontes**. Segundo ela, a universidade precisa redescobrir a sua vocação criadora e inovadora no sentido da produção artística, da produção científica, da produção literária e outras. Ana Luísa Janeira, professora da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, é doutora em Filosofia Contemporânea pela Université de Paris I - Phanteón Sorbonne. Ela concedeu a entrevista a seguir, ao **IHU On-Line**, pessoalmente, no decorrer do evento que pautou a matéria de capa da presente edição. Foi a fundadora e, por vários anos coordenadora do Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa. A professora tem vários projetos interdisciplinares já realizados e em andamento, muitos de caráter internacional, como o de Inovação Científica, Saberes Tradicionais e Culturas Globais, do qual participam comunidades e pesquisadores brasileiros. Atua nas áreas de epistemologia e ética, com diversos trabalhos na área de História das Ciências Luso-Brasileira. É autora de, entre outros, **Conhecer Simone Weil**³. Braga: Livraria Cruz, 1967; **A Energética no Pensamento de Teilhard de Chardin**⁴. Braga: Livraria Cruz, 1978; e **Fazer-Ver para Fazer-Saber. Os Museus das Ciências**. Lisboa: Edições Salamandra, 1995.*

³ Sobre Simone Weil confira o **IHU On-Line** n.º 84, de 17 de novembro de 2003. (nota do **IHU On-Line**)

⁴ Durante o **Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade** ocorrerá um curso, ao longo dos três dias do evento, sobre a obra de Teilhard de Chardin e uma oficina com o título "A dimensão espiritual da realidade do cosmos. Uma leitura a partir de Einstein e Teilhard de Chardin", sob a responsabilidade do prof. Dr. Paul Alexander Schweitzer - PUC-Rio. Para maiores informações sobre o Simpósio consulte a página www.ihu.unisinos.br (Nota do **IHU On-Line**).

IHU On-Line - Quais as teses fundamentais que defendeu na sua apresentação a Ciência também se faz com leis humanas, durante o Colóquio de Filosofia e Ciência?

Ana Luísa Janeira– As instituições científicas, por onde a ciência é conduzida, estão muito condicionadas pelas leis que elas próprias seguem. Isso é um alerta para nós pensarmos como é importante que o universo científico tenha consciência dessas leis que o regem e como realmente os regulamentos, os decretos, todo este aparato legislativo tem imensa influência na própria posição científica. Nós, muitas vezes, como cientistas, sentimos, na pele, as conseqüências das leis, mas não nos comportamos como cidadãos conscientes, seja discutindo-as, seja participando da sua elaboração.

IHU On-Line- Como as instituições se relacionam com o poder e o saber?

Ana Luísa Janeira– A lei, no que diz respeito às instituições científicas, reflete certas condições do saber em um determinado momento, certas necessidades, certos aparatos, certas tensões, certas composições das estruturas e das configurações da comunidade científica. Simultaneamente, ela também reflete a própria intervenção do poder, pois quem está lá é mediador entre o saber e o poder, por um lado reflete um saber e por outro lado reflete um poder e estabelece as relações entre o saber e o poder.

IHU On-Line- O que a universidade tem que mudar para ter um diálogo mais efetivo com os problemas da sociedade atual?

Ana Luísa Janeira– A primeira coisa que a universidade precisa é redescobrir a sua vocação de criadora. Criadora e inovadora no sentido da produção artística, da produção científica, da produção literária e outras. Este é um forte componente da universidade: a investigação. Simultaneamente, a investigação deve ser capaz de alimentar o próprio ensino, na medida em que não é concebível que a universidade seja reprodutora de conhecimentos, ela é reprodutora de conhecimentos também, mas decorrente de ser produtora do conhecimento, quer dizer, é preciso que a universidade veicule junto aos alunos os conhecimentos mais avançados, mais problemáticos, mais polêmicos que permitam que eles sejam cidadãos muito mais conscientes e intervenientes na sociedade depois de passarem pela universidade. Ao mesmo tempo, é fundamental que a universidade se abra a outras realidades. É natural que ela se relacione, também por causa de financiamentos, com a própria indústria, mas acho que ela não deve se transformar em uma empresa, o que, infelizmente, é uma tendência em todo o mundo. A universidade deve ser um espaço de liberdade, de encontros e desencontros de idéias, e não deve se transformar em produção em cadeia segundo esquemas, às vezes, importados de realidades diferentes, principalmente dos Estados Unidos da América, que não tem nada a ver com a realidade que cada um vive, com as problemáticas regionais e locais. Num mundo de globalização, é essencial que a universidade saiba mediar ajustadamente entre o global e o local.

IHU On-Line- Que riscos traz essa tendência para o fazer filosófico?

Ana Luísa Janeira– Uma universidade que se torna empresa é uma fábrica. Para a filosofia, assim como para tudo, o grande risco é de nós pegarmos, como no filme *Tempos Modernos* do Chaplin, peças para trabalhar sem termos a visão do todo, sem capacidade de sermos críticos, reflexivos, conquistadores e apoiadores, quando necessário.

IHU On-Line- Quais os desafios que a globalização apresenta à ciência e à filosofia?

Ana Luísa Janeira– Por um lado, é evidentemente interessante e importante, e acho que irrecusável, a movimentação que há no sentido de o global ser maior do que já foi, mas também

devemos perceber que um dos grandes problemas é estarmos longe de caminhar para o global mais necessário: o cultural, o global que trata das idéias. Estamos caminhando para uma globalização do tipo econômico-financeiro em que os pólos mundiais são Japão e Estados Unidos ou a bolsa de valores, que determina o que se passa no mundo do ponto de vista da capacidade ou não de países pobres e ricos terem uma integração harmoniosa. Infelizmente é isso que está prevalecendo. Nós estamos pagando por um mau lado, e isso, evidentemente, acarreta sérios problemas para as produções filosóficas, artísticas, literárias e tudo aquilo que exige criatividade verdadeiramente consciente e simultaneamente capaz de ser empreendedora de mudanças.

IHU On-Line- Que momento está vivendo a filosofia atualmente?

Ana Luísa Janeira– Eu sou uma pessoa que me coloco na filosofia em uma posição um tanto especial, na medida em que, sem descuidar da importância que tem tido para mim a formação filosófica, eu trabalho objetos que suscitam uma reflexão filosófica bastante diferente da comum. Tenho trabalhado muito a questão do colecionismo moderno, isto é, até que ponto, sob a ótica dos patrimônios culturais e dos patrimônios científicos, o gesto dos colecionadores se foi misturando com o consumismo. As pessoas colecionam latas de coca-cola, chegam até a comprar coleções que vêm numa determinada revista ou em um determinado jornal. Por conseguinte, isso é uma degradação evidente de um hábito que começou com o Renascimento e continua com a ciência moderna. Esse é um exemplo de trabalhos que eu faço na atualidade e que tem bastante a ver com algumas das discussões que há à minha volta e que se dizem filosóficas, e eu respeito, acho que sim, mas também reivindico o meu direito de trabalhar de outra maneira.

IHU On-Line- Já poderia indicar alguma conclusão em relação a essa pesquisa com colecionadores?

Ana Luísa Janeira– Eu vou apontando fundamentalmente a democratização das coleções, isto é, as pessoas podem ter coleções se puderem ter capacidade financeira de adquirir os objetos da coleção. Tenho verificado como realmente o consumismo e o colecionismo são formas que, embora não precisem estar sempre ligadas, se ligaram em determinada altura e até deturpam a idéia de coleção.

IHU On-Line- Por que as pessoas colecionam?

Ana Luísa Janeira– Porque as pessoas têm, talvez, uma grande insatisfação e pretendem, ao colecionar, completar certos vazios interiores.

[\(Voltar ao índice\)](#)

FILOSOFIA, BIOINFORMÁTICA E TECNOHUMANISMO

Entrevista com Timothy Lenoir

*“A ciência contemporânea está indo, cada vez mais, na direção de um casamento com a tecnologia, o que cria tipos diferentes de perguntas, tipos diferentes de questões que a filosofia da ciência tradicional não aborda”. Essa é a opinião do filósofo Timothy Lenoir. Segundo ele, houve uma explosão no passado, em torno das guerras da ciência, em que o cientista e o filósofo simplesmente não se compreendiam. “Chegar a um entendimento e criar uma filosofia da ciência mais compatível, que aborda as verdadeiras preocupações da ciência, que eu chamo de ‘tecnociência’, me parece ser o principal tipo de questão hoje”, salienta. Lenoir, que concedeu a entrevista a seguir ao **IHU On-Line**, na sede do Instituto Humanitas Unisinos, é coordenador*

do Programa em História e Filosofia da Ciência da Universidade de Stanford, EUA. É doutor em História e Filosofia da Ciência pela Universidade de Indiana. Ocupa a Kimberly Jenkins Chair da Universidade de Duke. É pesquisador com interesse interdisciplinar em humanidades, ciências e engenharia. Possui extensa lista de publicações sobre a história da matemática no século XVII, história da biologia e fisiologia alemã no séc. XIX, sobre o impacto do uso da informática nas ciências, sobre conceito e implicações da tecnociência, e sobre a produção de materiais digitais para a pesquisa na área de filosofia e história das ciências. Entre seus temas de interesse atual, está a discussão da necessidade de se repensar um papel para as humanidades à luz dos grandes avanços tecnológicos, propondo o que chama de *tecnhumanismo*. Timothy Lenoir foi o responsável por duas conferências no Colóquio Internacional Filosofia e Ciência: *Redesenhando Horizontes*. A primeira teve o seguinte título: *Réquiem para o Cyborg* e o título da segunda, que encerrou o Colóquio, foi: *Inventando a Universidade empreendedora: Stanford e a co-evolução do Vale do Silício*.

Durante o Colóquio foi lançado a tradução portuguesa do livro de T. Lenoir, ***Instituindo a Ciência. A produção cultural das disciplinas científicas***. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. Agradecemos o auxílio da professora Dr.^a Anna Carolina Regner, professora no PPG de Filosofia da Unisinos e coordenadora do Colóquio Internacional, como intérprete da entrevista.

IHU On-Line- Quais são os principais desafios para um diálogo entre a filosofia e a ciência hoje?

Timothy Lenoir- Há várias questões-chaves que confrontam a filosofia em diálogo com a ciência. Um dos principais problemas tem sido a falta de compreensão dos filósofos sobre o tipo de coisas que os cientistas estão buscando. Há um estilo antigo da filosofia da ciência, em particular, que tende a focar a explanação científica, a predição, a lógica da ciência. E a ciência contemporânea está indo, cada vez mais, na direção de um casamento com a tecnologia. Este casamento da tecnologia com a ciência cria tipos diferentes de perguntas, tipos diferentes de questões, que a filosofia da ciência tradicional não aborda. Houve uma explosão no passado, em torno do que nós, nos Estados Unidos, chamamos de guerras da ciência, em que o cientista e o filósofo simplesmente não se compreendem. Chegar a um entendimento e criar uma filosofia da ciência mais compatível, que aborda as verdadeiras preocupações da ciência, que eu chamo de 'tecnociência', me parece ser o principal tipo de questão hoje. Isso perpassa tanto os aspectos técnicos da ciência como suas dimensões maiores sociais que não podemos simplesmente evitar na discussão sobre a construção do saber científico. Essas questões são parte da construção da tecnologia científica, e o outro aspecto disso, que é uma preocupação muito atual, são as dimensões éticas da construção científica.

IHU On-Line- Como que acontece este diálogo na Universidade de Stanford?

Timothy Lenoir- Creio que, em Stanford, o diálogo acontece de várias maneiras diferentes. Nós temos um Departamento de Filosofia muito importante, um grupo da filosofia da ciência muito forte, um grupo da história e filosofia da ciência. Na Faculdade de Medicina, existe um programa muito forte de ética da biomedicina que já ganhou um grande número de subvenções federais substanciais para realizar uma variedade de projetos. Além disso, finalmente, na Faculdade de Engenharia, há um requerimento que todos os estudantes de engenharia devem fazer uma disciplina, pelo menos, de Ética da Engenharia. Então, há uma variedade de oportunidades nestes contextos para o diálogo entre cientistas, engenheiros e filósofos. À parte disso, Stanford é uma universidade incrivelmente interdisciplinar. Este é o nome do jogo em lugares como Stanford, que são universidades com alta prioridade na pesquisa, onde a colaboração entre engenheiros e pessoas da ciência da computação, por exemplo, ou entre engenheiros, cientistas da informática e pessoas da biomedicina, é rotineira. Quando olhamos os trabalhos que são feitos, as patentes que são registradas pelo corpo docente de Stanford,

que sempre encontra oferta no mercado, vemos que existe muito desta interdisciplinaridade na universidade e eu, pessoalmente, a considero um ambiente muito acolhedor para pessoas como eu com interesses nos aspectos sociais, éticos e técnicos da ciência. Este diálogo acontece regularmente. É um ambiente incentivador de diálogo.

IHU On-Line- O que deve ser considerado para obter resultados eficientes nas relações entre a universidade e a economia industrial da região onde a universidade se encontra?

Timothy Lenoir- Quando olho a história da relação de Stanford com o Silicon Valley, penso que têm havido várias ondas de inovação no Silicon Valley. A partir do começo dos anos 1950, houve o desenvolvimento da eletrônica e da eletrônica de estado sólido e transistores, e depois veio outra onda do desenvolvimento dos semicondutores, seguida pela dos computadores microprocessadores e pela da internet, que aconteceu no começo dos anos 1990 e continua até hoje. Acima disso tudo, abrangendo o período de meados dos anos 1970 até o presente, é o que se pode chamar de biotecnologia, na qual há um enorme influxo de inovações. Stanford tem participado em todas estas ondas de inovações. Você está perguntando sobre qual o valor adicionado ao ambiente local, adicionado à estrutura econômica da região por um lugar como Stanford. Não é tanto na área de produzir tecnologias individuais ou criar invenções na universidade que podem ser lançadas nas companhias, etc. Um pouco disso acontece, e isso é muito importante, mas eu penso que a universidade é crucial para o que eu chamo de tecnologias convergentes em que há tecnologias e desenvolvimentos científicos de diferentes áreas que convergem para este ambiente e criam possibilidades tecnológicas completamente novas e revolucionárias. Por exemplo, podemos olhar para o desenvolvimento da bioinformática, um campo que está transformando muito a prática da biologia hoje, um campo que se formou em Stanford, mas também em outros lugares com a colaboração de bioquímicos e cientistas da computação que deslançaram uma companhia que fundamentalmente transformou o campo. Poderíamos olhar para outras áreas de atividades semelhante, a convergência de diferentes tipos de tecnologias acontece em ambientes universitários onde a indústria não teria tanto interesse em pesquisar o que eles considerariam problemas a longo prazo que não rendem para as suas necessidades tecnológicas imediatas. A universidade contribui para isso, mas o mais importante é que Stanford, diferentemente de outras universidades, tem focado sua abordagem na adaptação da universidade ao seu ambiente local. Stanford depende, quase inteiramente, de fundos federais para as suas operações, surpreendentemente, e isso significa que Stanford se adapta ao seu ambiente, aproveitando a ciência e a tecnologia inovadora que se encontram nos âmbitos de várias companhias e vários outros laboratórios, trazendo as pessoas para a universidade a fim de estabelecer novos programas. Foi isso que aconteceu, por exemplo, no caso do programa de Física do Estado Sólido em Stanford. Física do Estado Sólido não é um campo desenvolvido numa universidade - estava sendo elaborado na Bell Laboratories. Os pró-reitores (decanos) de Stanford da engenharia e ciências viram isso como uma oportunidade para desenvolver o campo e incorporaram algumas das pessoas mais importantes da Bell Laboratories que construíram o programa inteiro da Física de Estado Sólido. Eu poderia continuar com outros tipos de exemplos, mas essencialmente, o que fizeram foi treinar uma geração de doutores que, fundamentalmente, transformaram a área. Então há este relacionamento fantástico, esta co-evolução da Stanford como uma universidade de pesquisa, Stanford como uma universidade altamente produtiva de idéias novas e novas tecnologias, que está profundamente dependente da área local, de Silicon Valley, mas também do ambiente de fundos federais para sustentar estas inovações. É um relacionamento muito dinâmico.

IHU On-Line- Poderia falar um pouco mais sobre os seus projetos sobre a história da interação entre o humano e o computador e a história da bioinformática?

Timothy Lenoir- Os projetos da história da interação entre o humano e o computador e a história da bioinformática surgiram de uma preocupação sobre o que os historiadores do futuro irão precisar para documentar e pesquisar a história da ciência e tecnologia contemporânea. Para colocar isso em perspectiva, todo o trabalho que eu havia feito anteriormente sobre a história da ciência e tecnologia de antes da Segunda Guerra Mundial, enfocava, basicamente, a ciência da tecnologia alemã e a sua relação com a indústria no século XIX e começo do século XX. E se alguém faz pesquisa nisso, o que encontra é uma linda área para trabalhar, pois toda a documentação está registrada em papel. A ciência contemporânea, desde por volta de 1960, surpreendentemente, armazena seus documentos em ambiente digital. Os projetos que as pessoas têm desenvolvido freqüentemente foram em colaboração com outros cientistas, compartilhando arquivos, criando bases de dados ou criando programas para visualizar a produção e o que é especialmente importante para a ciência e a engenharia contemporânea é a construção de simulações. Bem, estas coisas são digitais; se você olhar os arquivos da ciência contemporânea, encontrará trabalhos científicos publicados em revistas, mas as outras coisas que os historiadores da ciência e tecnologia usam como documentos de laboratórios, cadernos de laboratórios, estes tipos de coisas, encontram-se todos em forma digital. Então, para podermos acessar estas notas, precisamos aprender como preservá-las corretamente, precisamos adquirir ferramentas diferentes para fazer este tipo de pesquisa por causa dos tipos de tecnologias com as quais estamos lidando. Todos estes projetos, dos quais estamos falando, são multidisciplinares e disponibilizados para muitas pessoas. Envolvem cientistas e engenheiros de várias disciplinas, que auxiliam na sua colaboração e na sua construção, como a bioinformática, por exemplo, que foi desenvolvida pelo trabalho de bioquímicos que não sabiam muito sobre computação, que tiveram ajuda de cientistas da computação e cientistas da informação para desenvolver aspectos do campo. Esta colaboração desenvolveu recursos internos próprios. Para podermos fazer isso, do que precisamos? Eu preciso dominar todas as diferentes disciplinas para poder escrever uma história das pesquisas? Poucas pessoas podem fazer isso, assim temos uma quantidade cada vez menor de historiadores de ciência e tecnologia que podem escrever de uma maneira menos superficial. Para podermos fazer isso temos que desenvolver novos tipos de ferramentas que permitem que colaborem com cientistas e engenheiros para eles documentarem a sua própria história, e eles colaborarem conosco ao escrevermos as suas histórias. Isso não significa que lhes damos autoridade para escreverem a sua própria história. Nós colaboramos com eles porque a história da interação entre o homem, o computador e a bioinformática foi elaborada com estes objetivos em mente, para desenvolver ferramentas que iriam criar ambientes colaborativos que permitiriam a cientistas e engenheiros ajudar a elaborar documentos que criariam recursos que nós outros, historiadores e cientistas sociais, usaríamos ao escrever as nossas histórias. Entre algumas destas ferramentas que desenvolvemos para fazer isso acontecer, estão, por exemplo, as linhas de tempo, linhas de tempo colaborativas, que permitem que os próprios cientistas estruturam os tipos de eventos que acham importantes e para estabelecer relacionamentos entre estes eventos, para discutir trabalhos-chaves, reuniões-chaves, contribuições importantes pela indústria, e assim por diante, num ambiente altamente interativo que está em constante revisão. É um tipo de lugar de jogo para o cientista e o engenheiro, para ajudar a assimilar os detalhes básicos do seu campo e outras coisas importantes ao seu ver. Creio que isso tenta resolver algumas das dificuldades que vemos surgindo nas guerras de cultura, nas guerras de ciência em que temos cientistas sociais e filósofos de fora, criando histórias sobre o que acontece na ciência. Aqui nós temos a colaboração entre cientistas e filósofos na discussão sobre os esboços do campo. Não significa

que seja a história final, mas se não desenvolvermos ferramentas assim, para arquivar, para preservar e outros tipos de ferramentas para acessar e analisar estas histórias, não poderemos fazer pesquisa no futuro.

IHU On-Line- Por que você acha importante realizar colóquios como este que está acontecendo na Unisinos?

Timothy Lenoir- Eu acho que é difícil dizer quais vão ser os resultados que evoluirão a partir desse colóquio. É uma oportunidade importante para pessoas de diferentes origens. A maioria dos conferencistas filósofos teve sua formação em muitas das mesmas instituições nas quais eu também fiz a minha. Muitas das pessoas tiveram os mesmos professores, as mesmas professoras. Um dos meus professores mais importantes veio da Argentina para os Estados Unidos onde eu trabalhei com ele, o Alberto Coffa. Então há muita colaboração cruzada já acontecendo no desenvolvimento do campo. O que eu vejo acontecendo, não sei como funciona aqui no Brasil, mas eu creio que há um movimento nos Estados Unidos e nas comunidades de estudos científicos em geral, de aproximação ao cientista, e não de afastamento dele. O que é importante é tentar descobrir como podemos estabelecer um discurso crítico - como podemos trabalhar junto com cientistas e engenheiros e manter um discurso crítico que não seja ofensivo e que permita que o diálogo continue. Creio que isso tem sido um problema no passado e me parece que seria uma das oportunidades de uma conferência como esta. Outro ponto que me parece muito importante para os filósofos no Brasil são os problemas sobre a ética da ciência e tecnologia e o rápido desenvolvimento industrial e tecnológico, aqueles que levam a deslocamentos na terapia médica, novos tipos de questões em outras áreas e que nós, nos Estados Unidos, não ficamos sabendo suficiente sobre como são; e eu acho que os filósofos da ciência e os cientistas no Brasil que estão trabalhando com essas questões, contribuem mais diretamente e enormemente para o tipo de direção que estamos buscando, portanto eu prevejo que isso tenha um resultado valioso.

[\(Voltar ao índice\)](#)

DESTAQUES DA SEMANA

Livro da Semana

UM MUNDO SEM SUJEITOS Por Néstor García Canclini

*Para Néstor García Canclini⁵, antropólogo argentino que vive no México desde 1976, a robótica, a clonagem, o travestismo, as personalidades "virtuais" põem em xeque a noção de sujeito e, com ela, os acordos tácitos que nos levam a decidir em quem cremos e por quê. Com essas idéias ele antecipa, no artigo que segue, seu último trabalho, **Diferentes, desiguais y desconectados** (Diferentes, desiguais e desconectados), que está sendo publicado no México, pela Editorial Gedisa, sem tradução portuguesa até o momento. Canclini é autor de, entre outros livros, **Consumidores e cidadãos**. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001; **Culturas híbridas**. 4.*

⁵ Reproduzimos na 78ª edição do *IHU On-Line*, de 6 de outubro de 2003, a orelha do livro *A globalização imaginada*, de Néstor García Canclini. (São Paulo: Iluminuras, 2003). (Nota do *IHU On-Line*)

ed. São Paulo: Edusp, 2003; **Globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003. O artigo foi originalmente publicado no jornal **Clarín**, de 11 de setembro de 2004. A tradução é da equipe do **IHU On-Line**. Os subtítulos são nossos.

O que significa ter um lugar na mundialização? Quem fala e de onde? A fascinação de estar em todas partes e o desassossego de não estar com segurança em nenhuma, de ser muitos e ninguém, muda o debate sobre a possibilidade de ser sujeito: já aprendemos, nos estudos sobre a configuração imaginária do social, quanto podem ter os processos sociais e os sujeitos construído ou simulado. Possivelmente, começa um tempo de reconstruções menos ingênuas de lugares e sujeitos, aparecem ocasiões para nos desempenhar como atores verossímeis, capazes de fazer pactos sociais confiáveis, com alguma duração, em intercessões desfrutadas. Por que a arte recente está redescobrimo o sujeito ou procurando recriá-lo? Nomes de artistas do passado e atuais se convertem em ícones das exposições-farol, de filmes europeus, chineses e estadunidenses, de interpretações musicais espetaculares. Os editores registram a ascensão de vendas de biografias e autobiografias. As identidades pessoais ressuscitam como marcas para reativar os mercados, ou há algo mais neste desejo de ser sujeitos, ou de tê-los como referência?

A desconstrução do sujeito

É notável que a maior desconstrução do sujeito se cumpriu no século XX, quando mais se fez para erigir novos sujeitos individuais, étnicos e de classe, nacionais e de gênero. Esta época, que aumentou as dificuldades para falar da subjetividade, mostrou de uma vez que não é fácil desprender-se dessa noção. Chegamos, assim, a estas perguntas: Como avançar da suspeita necessária para nos liberar de afirmações ingênuas da subjetividade para o trabalho reconstrutivo indispensável para dar solidez a cidadanias possíveis? Que tarefas de investigação, teóricas e políticas são necessárias? As ciências sociais sentem dificuldade em pôr no centro da teoria os atores, quando a sociedade é reduzida a um mercado anônimo. A política se paralisa ou se desintegra diante do determinismo neoliberal, que submete a complexidade da economia ao jogo financeiro de investimentos sem rosto. Os partidos políticos e sindicatos nacionais não acertam formular elaborações alternativas sobre questões globais de grande escala, que são assumidas só parcialmente por ONGs e movimentos ecológicos ou de direitos humanos.

A possibilidade de que existam sujeitos e sejam reconhecidos é cada vez mais limitada a campos imaginários: o cinema, as telenovelas, as biografias de cantores de ópera e esportistas. A fascinação gerada por suas aventuras heróicas ou melodramáticas, assim como por noticiários que informam os acontecimentos políticos como se fossem dramas pessoais ou familiares, parece responder à necessidade dos consumidores de encontrar algum site onde haja sujeitos que interessam, padecem e atuam.

Mas é o sujeito só uma construção ficcional dos meios, ou pode haver também sujeitos críticos, espectadores que exerçam iniciativas próprias apesar das ardilosas manipulações midiáticas? Os estudos sobre o lado ativo da recepção demonstram que não há mídia onipresente nem audiências passivas, mas a concentração monopólica e transnacional das indústrias da cultura e a debilidade das associações de telespectadores e consumidores deixam, ainda, irresoluta a questão de quanto o capitalismo de redes globalizadas nos permite sermos sujeitos. A possibilidade de sê-lo aparece não só como a capacidade criativa e reativa dos indivíduos; depende também de direitos coletivos e controles sociais sobre a produção e circulação de informações e entretenimento.

Sujeitos simulados

A desconstrução mais radical da subjetividade está sendo realizada por procedimentos genéticos e sociocomunicacionais que favorecem a invenção e simulação de sujeitos. Da robótica até a clonagem, do travestismo de gênero até o fingimento de personalidades em jogos eletrônicos, a pergunta pelo que hoje significa ser sujeitos está –mais que do que mudando – somando-se ao precipício desgraça da dissolução.

“Nossas linhas estão ocupadas; atendê-lo-emos em um momento”, diz uma voz gravada, quando queremos pedir uma informação ou expressar uma queixa. Cada vez é mais árduo encontrar um fabricante que venda o produto, inclusive o próprio empregado que no-lo vendeu ou nos deu uma informação. Por trás dos empregados que circulam de uma empresa para outra, das vozes anônimas que se substituem a cada turno, há “cadeias” de lojas, “sistemas” bancários, “servidores” de internet. Quando algo não funciona é porque “caiu o sistema” ou “se desconectou o servidor”. A digitalização dos serviços, aliada à precarização trabalhista, está propiciando uma desresponsabilização dos sujeitos individuais e coletivos.

Entre as conseqüências deste processo, segundo Richard Sennett⁶, encontramos maior vulnerabilidade dos indivíduos e um sentimento crescente de impotência.

Em vez de conhecer os amigos e os casais no trabalho ou na universidade, encontramos-os na Rede. Conecto-me com alguém que, conversando no *chat*, diz ser mulher e lhe digo que sou veterinário ou fotógrafo, tenho 40 anos e acabo de chegar da Austrália. Ela diz chamar-se Ofélia, e assim vamos compartilhando desconhecimentos, que é o que mais nos aproxima dos tímidos. “Sinto-te tão perto”, digo-lhe com entonação de quem acompanha o outro. Estes jogos com personalidades criadas podem ser inofensivos enquanto um internauta não expressa o desejo de encontrar o outro.

Guillermo Bon Bonzá, doutor em educação da Universidade Autônoma de Barcelona, enviou a vários congressos três exposições com nomes falsos, parágrafos plagiados e insultos racistas escondidos em entrevistas em alemão. Assinava um dos textos como Hans Heidelberg, suposto professor titular da inexistente Universidade Politécnica do Munchengladbach. Ao revelar seu estratagema, disse que os trabalhos, aceitos por comitês de especialistas e editados nos CD ROMs de três universidades importantes, revelavam os teatros inverossímeis em que se converteram as feiras de vaidades acadêmicas.

Estes exemplos fazem pensar nos riscos de confiar muito nos mercados, inclusive nos de bens científicos. Uma possível “saída” é afirmar a necessidade de verificar os fatos e controlar neopositivisticamente a produção e difusão de conhecimentos. Outro caminho seria questionar as condições em que se produzem teorias e processos educativos no meio da massificação cultural, da concorrência canibal pelas acusações e do prestígio. Uma terceira possibilidade é criticar a simulação de identidades e o restabelecimento de poderes, desigualdades e desencontros a que nos levou a intensificação de comunicações eletrônicas que prometia aumentar e horizontalizar os intercâmbios. Cabe perguntar-se, então, se não seguimos precisando afirmar, com um mínimo de clareza e contraste no que consiste ser sujeito depois das desconstruções estruturalistas, marxistas e psicanalíticas.

Um exemplo mais. Em outubro de 2000, uma leitora da novela **Sabor de fel**, com a qual a locutora televisiva espanhola Ana Rosa Quintana estreava na literatura, revelou que muitas páginas dessa narração estavam copiadas do **Álbum de família**, de Danielle Steel⁷, e outras do

⁶ Referência ao livro **A corrosão do caráter. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999. (Nota do *IHU On-Line*).

⁷ **Álbum de Família**. Rio de Janeiro: Record, 1995. (Nota do *IHU On-Line*).

livro de Anjos Mastretta *Mulheres de olhos grandes*⁸. Surpreendida pela descoberta, a “autora” tentou justificar o plágio, dizendo que os parágrafos copiados tinham “caído” em seu texto “por um problema de inexperiência, um engano informático e uma sentença dos documentalistas”. Documentalistas? No mundo editorial, costuma-se falar de negros, ao referir-se àqueles que trabalham anonimamente, para que um suposto literato assine, “prática generalizada –segundo o jornal *El País*– no selvagem mercado do *best seller*”.

A questão transcende esta novela editada pela Editora Planeta que vendeu mais de cem mil exemplares. Pergunta Juan José Millás: “Por que uma locutora famosa não pode alugar seu nome para vender um folhetim? Também o rei e o presidente da nação assinam discursos que lhes escrevem outros sem que ninguém se escandalize. Por que pedir a uma apresentadora de televisão mais que a um Chefe de Estado?” Mais à frente do jogo humorístico, a comparação entre um ardil editorial, uma tática publicitária e um modo de produção delegada dos discursos políticos estabelece a necessidade de considerar os problemas de correlação entre construções verbais e referentes empíricos, a adequação entre conceitos e coisas, não apenas como um assunto semântico. Está em questão o sentido pragmático que adquire o problema da representação em interações diferentes. Trata-se dos esquemas compartilhados de valoração dos pactos de confiabilidade que dão consistência a uns e outros modos de interactuar. Toda referência, afirma Paul Ricoeur⁹, “é co-referência”, ou seja, que se constrói com os outros.

A ‘ficcionalização’ dos sujeitos e a existência da sociedade

Em um sentido, é útil detectar que as identidades são produto das narrações e atuações. Mas o entusiasmo pós-moderno por esta ‘ficcionalização’ dos sujeitos, pelo caráter construído das identidades, não se justifica do mesmo modo em contextos lúdicos ou de risco. O travestismo, interessante como ocasional jogo carnavalesco ou experiência pessoal, não é um modelo para todos. Pode existir sociedade, isto é, pacto social, se nunca sabemos que está falando conosco, nem escrevendo, nem apresentando colocações? Conviver em sociedade é possível se houver sujeitos que se façam responsáveis. Não se trata de retornar a certezas fáceis do idealismo nem do empirismo, nem de negar quanto imaginamos do real, dos outros e de nós mesmos ao nos representar na linguagem. Trata-se de averiguar, se em certo grau, é viável achar formas empiricamente identificáveis, não só discursivamente imaginadas, de subjetividade e de alteridade.

Nos últimos anos, estas questões começam a aparecer nos debates epistemológicos e nas incertezas da investigação. James Clifford¹⁰ diz, por exemplo, que, se alguém estudasse a cultura dos espões de computadores (hackers), poderia conseguir que seu trabalho fosse aceito como tese de antropologia, embora nunca tivesse conhecido um espão. Seria possível considerar os meses, ou os anos, passados na Rede como trabalho de campo? “A investigação bem poderia aprovar a exigência de estadia prolongada e o exame de “profundidade”/interactividade. (Sabemos que, na Rede, podem ocorrer algumas conversações estranhas e intensas). E a viagem eletrônica é, depois de tudo, uma espécie de “dépaysement”. Poderia incrementar a observação participante intensa em uma comunidade diferente, e isso sem a

⁸ *Mulheres de olhos grandes*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (Nota do *IHU On-Line*).

⁹ Sobre este autor conferir um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado no *IHU On-Line* 49ª edição, de 24 de fevereiro de 2003, e uma entrevista na 50ª edição, de 10 de março de 2003. (Nota do *IHU On-Line*).

¹⁰ Um dos principais representantes do pós-modernismo, o antropólogo James Clifford é professor do Programa de História da Consciência da Universidade da Califórnia, Santa Cruz. Em sua principal obra, *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX* (org. José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998), analisou a atuação do etnógrafo Maurice Leenhardt na Melanésia. (Nota do *IHU On-Line*).

exigência de ter que deixar fisicamente o lar. Quando perguntei a vários antropólogos se lhes parecia que isso poderia ser considerado trabalho de campo, em geral, responderam “talvez”; inclusive, em um caso, “é óbvio”. Mas quando insisti – segue Clifford –, perguntando-lhes se fiscalizariam uma tese doutoral em Filosofia que se apoiasse, principalmente, neste tipo de investigação descorporalizada, hesitaram ou disseram que não: tais experiências não poderiam ser aceitas, na atualidade, como trabalho de campo”.

Mais para cá do nomadismo

De repente, advertimos que esta pergunta de Clifford envelheceu em menos de uma década. A observação etnográfica de como trabalham os antropólogos leva, acima de tudo, a mudar a questão. Já não consiste em decidir se for aceitável considerar a internet como objeto de estudo. Melhor: é possível fazer investigação sem internet? Quantos antropólogos não se sentam diariamente na frente seu computador, ou do (computador) de um *cybercafé*, se estiverem em trabalho de campo, e consultam seu correio, falam com os companheiros de sua universidade e com os colegas de outros países, procuram bibliografia e hemerografia, lêem os jornais de sua distante cidade e de outras, enviam de um povoado a inscrição a um congresso ou seu avanço de tese ao diretor? Além disso, descobrem que muitos de seus informantes – indígenas, pobres urbanos, estudantes e funcionários da ONG – também o fazem. Como deixar fora da análise esse vasto pedaço de quão real é o virtual?

Por que acompanhar os indígenas ou os trabalhadores de um sindicato afetados pela privatização de suas frentes de trabalho e não acompanhá-los quando seguem pela Internet, desde suas organizações locais, as mobilizações longínquas, onde se pede ao governo nacional e às cúpulas mundiais que a diversidade lingüística e o acesso igualitário ao *software* sejam reconhecidos como demandas, tão legítimas como a posse da terra e a educação?

A necessidade de metodologias híbridas

As exigências no controle do conhecimento devem modificar-se na medida em que trocou a noção clássica de sujeito e o modo de estudá-los. Até sem nos abismar nas incertezas do virtual, o problema se agudiza pelos múltiplos pertences dos sujeitos em tempos de migrações maciças e o acesso fácil a sinais de identificação de muitas sociedades. Uma vez que milhões de pessoas já não são sujeitos de tempo completo de uma só cultura, devemos admitir que a variabilidade das identificações e as formas de tomar posição requerem metodologias híbridas. Mas hibridação não é indeterminação total, senão combinação de condicionamentos específicos. Ao estudar estas mesclas, o saber científico não pode deixar-se levar pela simples celebração das facilidades nômades para conseguir disfarces. Podemos esperar que a ciência se diferencie de outras formas de conhecimento, como as artísticas, mediante algum tipo de contraste e racionalidade. Ao menos, é a preocupação que encontramos na larga tradição desconstrucionista do sujeito: não simples dissolução, senão uma renovada exigência de coerência filosófica, necessidade de dar consistência à cidadania e verossimilhança às interações sociais.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Entrevistas da Semana

"A TERRA NÃO É AZUL"

Entrevista com Ronaldo Rogério de Freitas Mourão

*Ronaldo Rogério de Freitas Mourão é um ícone da astrologia brasileira. Ele começou a observar e mapear o céu em uma época em que não existiam computadores. As anotações eram feitas de próprio punho e enviadas por carta para colegas do mundo inteiro, que discutiam os fenômenos, a fim de validá-los. E foi assim, namorando as estrelas, que esse astrônomo carioca, que completará 70 anos em 2005, (quando pretende se aposentar) e tem mais de 70 livros publicados, ficou mais próximo do universo e de Deus. Mourão desmistificou a astronomia e colocou a pesquisa espacial brasileira em evidência. Descomplicou as teorias e possibilitou ao leigo conhecer um pouco mais sobre o universo no qual está inserido. Ele é o primeiro brasileiro a ter um asteroide com seu nome. É doutor em astronomia pela Universidade de Paris. Idealizou e fundou o Museu de Astronomia e Ciências Afins no bairro São Cristóvão, Rio de Janeiro, que dirigiu até 1989. Um lugar que preserva objetos raros. Por seu trabalho sério e pioneiro, obteve reconhecimento internacional. É membro da Royal Astronomical Society (Londres), Société Astronomique de France (Paris), Società Astronomica Italiana e da Comissão de Estrelas Duplas, Asteróides e Cometas, assim como de História da Astronomia da União Astronômica Internacional. A entrevista que segue foi publicada na revista **JB Ecológico**, de 21 de setembro de 2004.*

JB Ecológico - Qual a relação entre astronomia e meio ambiente?

Ronaldo Mourão - Além de colocarem à disposição do homem recursos de estudos da superfície e da atmosfera da Terra jamais imaginados, as pesquisas espaciais permitiram o despertar de uma nova consciência ecológica. Foi por intermédio das sondas interplanetárias norte-americanas e soviéticas que o homem pôde melhor compreender o nosso planeta como um todo. Simultaneamente, elas permitiram que se tomasse consciência de que vivemos no único corpo do sistema solar onde a vida se desenvolveu, graças às condições especiais reinantes na sua biosfera. Ficou evidente que a nossa responsabilidade em relação à conservação da natureza é da máxima importância: vivemos na única reserva biológica de todo o nosso sistema planetário. Ao mesmo tempo em que a pesquisa espacial colocava em relevo o nosso status de única civilização capaz de compreender e defender o planeta em que vivemos, os satélites de teledetecção mostravam como as atividades dos homens vinham poluindo o meio ambiente.

JBE - Como assim?

RM - Os detritos provenientes dos objetos lançados pelo homem no espaço, que circulam ao redor da Terra, constituem o que se chama lixo espacial. São estágios completos de foguetes, satélites desativados, tanques de combustível e fragmentos de aparelhos que explodiram normalmente, por acidente ou foram destruídos pela ação das armas anti-satélites. Nesse quase meio século, desde o lançamento do primeiro satélite artificial soviético, o Sputnik, em 1957, o ambiente espacial próximo da Terra está a cada ano acumulando detritos em razão da proliferação dos vôos espaciais. Ao longo dos anos, dezenas de toneladas de materiais que se tornaram inúteis foram abandonados em órbita, numa lenta degradação do ambiente espacial, sem que nenhuma providência tenha sido tomada. Existe um projeto de uma nave espacial lixeira que coletaria e aproveitaria esse lixo rico que existe no espaço. A Rússia, os Estados Unidos, os países europeus, o Japão, a China, a Índia e Israel já fizeram quase quatro mil lançamentos. Isto representa mais de 20 mil toneladas de material e 25.5 mil objetos diversos

em órbita ao redor da Terra. Entre esses resíduos espaciais, 41% são constituídos de fragmentos, 13% de satélites operacionais, 17% de estágios superiores de lançadores e 22% são satélites que não funcionam mais. Existem pelo menos 170 mil detritos de um quilo susceptíveis de caírem na Terra, dos quais uma tonelada e meia é de matéria radioativa.

JBE - Eles não podem ser previamente detectados por radares?

RM - Somente 7.000 deles possuem dimensões superiores a 20 centímetros, limite de visibilidade em um radar. Abaixo dessa medida, mesmo que se encontrem em região próxima à Terra, eles passam despercebidos pelos radares. Se considerarmos que a frequência normal de lançamentos de satélites é de 100 por ano, a quantidade de detritos espaciais poderá se tornar uma ameaça às atividades humanas no espaço circunvizinho à Terra, bem como um elemento prejudicial às observações astronômicas na superfície terrestre.

JBE – O nosso planeta é azul?

RM - Tenho o compromisso de alertar o homem para o perigo de destruição do planeta Terra e para a necessidade de preservação do meio ambiente. Os apelos mais convincentes são os que caem do céu, das pesquisas espaciais. Quando o homem pisou a superfície da Lua e mostrou ao mundo uma imagem captada do céu da nossa planície amazônica e do pantanal mato-grossense, ecossistemas únicos em todo o sistema solar, ele estava cobrando de toda a humanidade respeito e responsabilidade diante desse milagre cósmico. A Terra não é azul. É verde, é natureza. As sondas espaciais afirmam que, pelo menos no sistema solar, estamos sós.

JBE - Há vida extraterrestre?

RM - Há milhões de sistemas solares como o nosso. Não é possível que sejamos os únicos privilegiados do universo. A Terra é o paraíso do ser humano que, infelizmente, tem usado sua inteligência para promover corridas armamentistas e investir em arsenais atômicos. Nós somos muito perigosos. A redução da camada de ozônio (proteção ultravioleta do Sol) é um problema secundário se comparado com os efeitos fulminantes da contaminação radioativa ou de um confronto nuclear.

JBE - Qual a origem do Universo?

RM - A origem do universo ainda é uma questão muito controversa. No momento a idéia mais aceita é a teoria do big bang, mas já começam a surgir alguns questionamentos sobre a sua realidade. Na verdade, o universo não deve ter tido nem início e nem terá fim, ele é eterno segundo a nova cosmovisão de um cosmos multiverso, onde a principal lei natural é a da perpétua transformação de energia em matéria e matéria em energia. Com base nessa noção de equivalência e nos modernos conhecimentos da mecânica quântica, segundo o qual o universo teria surgido de uma flutuação quântica, procuraremos estabelecer que a noção de criação, origem e nascimento das estrelas, dos planetas, das galáxias e do próprio cosmos, assim como o armagedon ou fim do mundo, ou o total aniquilamento desses objetos celestes são idéias inaceitáveis. Não apenas sob a perspectiva cosmológica, mas até mesmo teológica. A associação do big bang à criação e do big crush ao fim do mundo é uma concepção filosófica já ultrapassada. Pela nova visão cosmológica do multiverso, seremos obrigados a compreender que a vida é eterna como o universo. A idéia do início e fim é uma visão antropomórfica que na sua visão simplória visa tudo classificar, dar forma, começo e fim. A grande dificuldade da mente humana é aceitar a noção de infinito e de eterno. Para aqueles que têm fé será fácil

aceitar a idéia de que o próprio universo é Deus, que na sua onisciência e onipresença não teve princípio nem fim.

JBE - Qual o objetivo das pesquisas espaciais?

RM - Científico. O interesse das nações é manter a conquista do espaço cercada da mesma visão de pureza que envolve as pesquisas astronômicas. Assim, esconde-se o objetivo bélico, que apesar de pouco divulgado parece ser talvez o mais importante. O aparente sucesso dos EUA, ou melhor, de Bush no Afeganistão e no Iraque é consequência do avanço científico e tecnológico das tecnologias espaciais. Durante quase meio século da era espacial podemos afirmar que o futuro tecnológico e sociológico da humanidade é imprevisível. Existe sempre o perigo da censura à pesquisa científica sem aplicação imediata, que pode emperrar o desenvolvimento da nação. Assim, a ameaça de um bioarmagedon – uso das armas biológicas de destruição em massa - é uma ameaça só possível de ser realizada pelos países que detêm uma tecnologia espacial muito avançada o que não seria o caso do Iraque. É necessário que se dê uma educação voltada contra qualquer forma de violência, qualquer forma de guerra. A pesquisa espacial estimulou a consciência ecológica do homem, mostrando que no sistema solar existe um único planeta com uma só planície amazônica e um único pantanal matogrossense. Na realidade, o único paraíso do sistema solar é o planeta Terra, onde existem as condições que fizeram surgir essa forma inexplicável e tão bela de energia que é a vida.

JBE - Qual o papel do homem no universo?

RM - Compreendê-lo e colonizá-lo para o seu próprio bem. Se não o fizer, a humanidade terrestre vai desaparecer e sem dúvida uma outra humanidade alienígena poderá realizar o que não conseguimos realizar.

O USO DOS TRANSGÊNICOS NA AGRICULTURA “É UM TERRÍVEL ENGANO”

*Traduzimos a entrevista com o economista Jeremy Rifkin, publicada no jornal **Página/12**, de 12 de setembro de 2004, que foi feita por Alejandro Bercovich. Graduado em Economia e professor de Economia e Relações Internacionais de várias universidades estadunidenses, Jeremy Rifkin se define como um militante de esquerda. Atualmente, preside a Fundação de Tendências Econômicas, uma ONG que, em 2002, chegou a apresentar petições em 50 países contra as patentes das sementes transgênicas. Um de seus livros mais difundidos é **A era do acesso**. (São Paulo: Makron Books, 2001), juntamente com **A economia do hidrogênio. A criação de uma nova fonte de energia e a redistribuição do poder na terra**. São Paulo: Makron Books do Brasil, 2003. É sobre a temática desse livro que versa uma entrevista que publicamos no **IHU On-Line** n.º 67, de 7 de julho de 2003¹¹. Rifkin também é autor de vários livros sobre o impacto da ciência e da tecnologia na economia, na sociedade e no meio ambiente, como **O Fim dos Empregos** (1995); e **O século da biotecnologia** (1999); todos editados pela Makron Books, de São Paulo. Seu mais recente livro **O sonho europeu: como a visão européia do futuro está eclipsando o sonho americano**, lançado recentemente na Espanha, pelas Edições Paidós, é o tema de um artigo, escrito pelo autor, que reproduzimos na 115ª edição, de 13 de setembro de 2004.*

¹¹ De Rifkin também publicamos uma entrevista na edição número 51, de 17 de março de 2003, sob o título "Rifkin: a Guerra pelo petróleo"; um artigo, na 82ª edição, de 3 de novembro de 2003, sob o título "O que podemos aprender dos animais"; outro artigo na 98ª edição, de 26 de abril de 2004, sob o título "Retorno de um quebra-cabeças"; e mais outro na 103ª edição, de 31 de maio de 2004, sob o título "O princípio preventivo". (Nota do **IHU On-Line**).

Define-se como esquerdista, e as multinacionais pagam para escutá-lo. *The National Journal* o catalogou como uma das 150 personalidades mais influentes na hora de fixar as políticas públicas de seu país. Jeremy Rifkin assegura que, nos próximos 20 anos, a escassez de petróleo disparará uma crise muito maior que a de 1973. Prognostica, então, que se utilizarão fontes de energia renovável como o hidrogênio, o qual modificará completamente as instituições e as formas de relação social no mundo, tal como o fizeram o carvão e o próprio petróleo. Rifkin é o guru preferido dos ambientalistas europeus e norte-americanos e alcançou a fama mundial com *O fim do trabalho*, que publicou em 1995. Por sua vez, é idolatrado por bem-sucedidos homens de negócios que pagam milhares de dólares para ouvir suas conferências, nas quais investe contra as multinacionais. Convidado a Mar del Plata pela Associação de Concessionários de Automóveis (Acara), Rifkin manteve um extenso diálogo com o Cash, suplemento econômico do jornal *Página/12* no qual considerou que a Argentina cometeu “um terrível engano” ao adotar as sementes transgênicas para seus cultivos, e que concedeu “um poder enorme a um punhado de empresas” ao privatizar YPF¹² durante a década passada. Também recomendou que o Governo “passe menos tempo escutando Washington e mais escutando Bruxelas”.

Acredita que o preço do petróleo vai continuar aumentando?

É possível que o preço flutue um pouco, mas não voltará para os valores anteriores, de menos de 20 dólares. O uso do petróleo aumenta dois por cento ao ano e existem cifras e cálculos do Departamento de Energia dos Estados Unidos e da OCDE que mostram que, em termos geológicos, há limites muito claros para a extração de petróleo a baixos preços. Uma vez que se chegue a esse pico, o preço vai aumentar de forma vertiginosa. Mas os geólogos reavaliaram, com novos estudos, as reservas mundiais, e agora dizem que esse momento vai chegar entre 2010 e 2020. Não importa quando seja, porque todos estão de acordo que, quando se alcançar esse pico, dois terços das reservas vão estar no Oriente Médio. Então o preço vai seguir refletindo uma série de instabilidades: o aumento da demanda chinesa, a instabilidade política na Venezuela e no Oriente Médio, a ameaça terrorista sobre os oleodutos no Iraque e a desvalorização do dólar.

A desvalorização do dólar?

Sim. Ao baixar o valor do dólar frente ao euro, os países petroleiros cobram mais para não perder poder aquisitivo na Europa, onde compram boa parte do que consomem. Isso nos envia um sinal de alerta: todo o mundo funciona com petróleo. Os alimentos possuem níveis de petróleo, que adquirem com as calamidades e os fertilizantes, os plásticos, a roupa sintética, o transporte, a luz, a calefação. Estamos em uma situação em que não se vê a luz no final do túnel, porque aumenta a demanda, a oferta se reduz, e é nisso que se resume a encruzilhada de nossa era.

Depois dessa alta de que fala, se chegará a uma crise como a de 1973?

Muito pior. A de 1973 não foi uma crise de oferta, foi uma crise política. Agora estamos falando de uma crise em que se reduz a oferta e aumenta a demanda mundial. Estamos no último meio século da era do petróleo como regime dominante, assim como a do carvão teve também seu fim. Todo mundo sabe, mas ninguém quer enfrentá-lo. Estamos em um desses pontos nevrálgicos na história, que eu chamo de ponto de entropia. Há muitas civilizações que

¹² A YPF, Yacimientos Petrolíferos Fiscales, da Argentina, foi privatizada pelo presidente Carlos Menem em 1991. (Nota do *IHU On-Line*).

paralisaram, porque não souberam trocar de fonte de energia, como a Roma antiga. Estamos em um ponto crítico.

Enquanto durar o alto preço do petróleo, quem ganha e quem perde?

Ninguém ganha, nem a OPEP nem as petroleiras. Talvez estejam cobrando preços altos, mas isso freia a economia mundial. Ao deter a economia, a demanda piora, e eles faturam menos. Em um editorial recente, descrevi a crise atual como a “tormenta perfeita”. Sobem o preço do petróleo, porque o dólar vale menos. Como o dólar vale menos, os Estados Unidos estão pior, então o governo tem que baixar os impostos para que tenhamos mais dinheiro, mas isso aumenta o déficit fiscal, logo os investidores não querem investir em dólares, porque a dívida pública já é muito elevada. Para rebater isso e atrair os investidores sobem os juros, mas isso volta a frear a economia e a debilitar o dólar. É a tormenta perfeita.

A Argentina privatizou o petróleo na década passada. Parece-lhe que fez bem?

Em nível macro, já que o petróleo é tão fundamental para nossa vida, privatizá-lo dá um poder enorme a um pequeno grupo de empresas que não são as escolhidas para fazê-lo para o resto da sociedade. Já que eles têm como primeira prioridade o lucro, pode aumentar a brecha entre os que têm e os que não têm. Se se deixar a questão em mãos privadas, o juro de curto prazo prevalece sobre o de longo prazo, que é sair da dependência petróleo.

Esses juros freiam, com atos concretos, a utilização de fontes de energia renovável?

O tema é bastante mais complicado. Eu leciono na principal universidade de negócios dos Estados Unidos e dou conferências para as grandes petroleiras. Eles sabem que estamos chegando ao fim da era do petróleo e estão se diversificando, mas não com a rapidez necessária. Shell e British Petroleum estão na vanguarda, estão de acordo com as estatísticas que descrevi antes, e têm um cenário traçado para a próxima década em função de que entre um terço e a metade da energia será renovável em meados do século. Estão comprando e desenvolvendo tecnologia para isso, mas seus esforços não são suficientes. Os presidentes das empresas têm uma visão de curto prazo, ainda que a empresa em si se dirija com horizontes de mais longo prazo. Nesta discussão, têm que participar também a sociedade civil e os governos, porque o aquecimento global é a maior conquista da humanidade negativamente falando. Mas conseguimos afetar todo o planeta por centenas ou milhares de anos, coisa que nunca tinha ocorrido antes, e o fizemos em um tempo curto.

Você diz que a crise econômica mundial responde só ao preço do petróleo?

Atualmente, estamos enfrentando três crises conectadas com o petróleo. Essas três crises, que vão definir o rumo do século XXI, são: a oferta de petróleo em si, a dívida do Terceiro Mundo e a crise política do Oriente Médio. É a fatura da entropia: faz 200 anos que queimamos combustíveis fósseis e duplicamos a quantidade de anidrido carbônico na atmosfera. A ONU publicou estudos dos melhores cientistas sobre o aquecimento global que falam de uma mudança climática de entre 2 e 10 graus Fahrenheit. Se forem 3 já é complicado, mas se poderia controlar. Mas se forem 8 ou 9 graus a mudança seria similar ao da última era glacial, quando todo o mundo ficou gelado.

Como se conecta o problema da dívida com a crise da matriz energética?

Neste momento, a distância entre ricos e pobres é a maior de toda a história. Em todos os tempos, sempre houve ricos e pobres mas nunca houve tanta diferença como agora. Hoje as 250 pessoas mais ricas do mundo têm ganhos equiparáveis aos de um terço da humanidade.

Três famílias têm um ingresso similar a 940 milhões de pessoas pobres. E nem falemos da Argentina. O que temos que entender é o preço que pagam os pobres pelo petróleo. Muitos de meus colegas diziam aos países do Terceiro Mundo na década do 1950 ou 1960 que se modernizassem, usando o petróleo. Naquele momento, o preço era de três dólares o barril, e ninguém imaginava que existiria a OPEP. Mas quando esta começou a atuar, o preço subiu para 12 dólares. Durante todos estes anos, os países em desenvolvimento tiveram que endividar-se para pagar estes preços. Se nós, nos países mais ricos, temos sido vitimados, o que dizer dos países subdesenvolvidos, que estão cada vez mais endividados.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Artigo da Semana

O DECLÍNIO DA CLASSE MÉDIA

Por Robert Kurz

*Robert Kurz é sociólogo e ensaísta alemão, autor de **O Colapso da Modernização** (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993) e **Os Últimos Combates** (Petrópolis: Vozes, 1998). **IHU On-Line** entrevistou Robert Kurz na 98ª edição, de 26 de abril de 2004, que tratou da crise da sociedade do trabalho. O artigo a seguir foi publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, de 19 de setembro de 2004.*

Desde os meados dos anos 1980, o discurso pós-moderno imperou na discussão teórica global ao longo de quase duas décadas, principalmente na esquerda. A crítica da economia política foi substituída pela crítica da linguagem, e a análise das relações materiais objetivas, pela arbitrariedade da interpretação subjetiva; no lugar do economicismo tradicional de esquerda entrou um culturalismo de esquerda igualmente redutor e, no lugar do conflito social, a simulação midiática. Nesse meio tempo, porém, a situação se alterou radicalmente. A crise econômica atinge agora, mesmo no Ocidente, amplas camadas sociais, que até então haviam sido poupadas. É por isso que a questão social retorna no discurso intelectual. Mas as interpretações continuam com uma notória palidez e parecem francamente anacrônicas. A polarização entre pobres e ricos, exacerbando-se de forma irresistível, não encontrou ainda um novo conceito. Se o conceito marxista tradicional de "classe" tem uma súbita conjuntura favorável, isso é antes um sinal de desamparo. No entendimento tradicional, a "classe operária", que produz a mais-valia, era explorada pela "classe dos capitalistas" por meio da "propriedade privada dos meios de produção". Nenhum desses conceitos pode expor com exatidão os problemas atuais. A nova pobreza não surge por conta da exploração na produção, mas pela exclusão da produção. Quem ainda está empregado na produção capitalista regular já figura entre os relativamente privilegiados. A massa problemática e "perigosa" da sociedade não é mais definida por sua posição no "processo de produção", mas por sua posição nos âmbitos secundários, derivados, da circulação e da distribuição. Trata-se de desempregados permanentes, de destinatários de operações estatais de transferência ou de operadores de serviços nos domínios da terceirização, até chegar aos empresários da miséria, os negociantes de rua e os coletores de lixo. Essas formas de reprodução são, segundo critérios jurídicos, cada vez mais irregulares, inseguras e amiúde ilegais; a ocupação é irregular, e as rendas transitam no limite do mínimo necessário para a existência ou até caem abaixo disso.

Classe atropelada

Inversamente, tampouco a "classe dos capitalistas" pode ainda ser definida no velho sentido, segundo os parâmetros da clássica "propriedade privada dos meios de produção". Na figura do aparelho estatal e das infra-estruturas tanto quanto na figura das grandes sociedades acionárias (hoje transnacionais) o capital aparece de certo modo como socializado e anonimizado; ele se revelou abstrato, deixando a forma personalizável da sociedade inteira. "O capital" não é um grupo de proprietários legais, mas o princípio comum que determina a vida e a ação de todos os membros da sociedade não só exteriormente como também em sua própria subjetividade. Na crise e através da crise, efetua-se mais uma vez uma mudança estrutural da sociedade capitalista, dissolvendo as situações sociais antigas, aparentemente claras. O cerne da crise consiste justamente em que as novas forças produtivas da microeletrônica fundem o trabalho e, com ele, a substância do próprio capital. Dada a redução cada vez maior da classe operária industrial, cria-se cada vez menos mais-valia real. O capital monetário foge rumo aos mercados financeiros especulativos, visto que os investimentos em novas fábricas se tornaram não-rentáveis. Enquanto partes crescentes da sociedade fora da produção pauperizam ou até caem na miséria, do outro lado se realiza tão-somente uma acumulação simulatória do capital por meio de bolhas financeiras. Pela lógica, isso não é nada novo, pois esse desenvolvimento já marca o capitalismo global faz duas décadas. Mas é novo que agora a classe média nos países ocidentais também seja atropelada. [A ensaísta norte-americana] Barbara Ehrenreich já havia publicado em 1989 um livro a respeito da "angústia da classe média diante da queda". Porém o problema foi adiado em seguida por uma década inteira, já que a conjuntura baseada em bolhas financeiras dos anos 1990, juntamente com o impulso da tecnologia de informação e da comercialização da internet, despertou mais uma vez novos sonhos de florescência. O colapso da nova economia e o estouro das bolhas financeiras na Ásia e na Europa, em parte também nos EUA, começam agora, desde o ano 2000, a efetivar de maneira brutal a queda da classe média, já temida anteriormente. Mas quem é essa classe média e que papel ela desempenha na sociedade? No século 19, o mundo das classes sociais era ainda simples e transparente. Entre a classe dos capitalistas, isto é, dos proprietários privados dos meios de produção social, e a classe dos trabalhadores assalariados, que nada possuem além de sua força de trabalho, encontrava-se a classe dos assim chamados pequeno-burgueses. Essa antiga classe média se destacava pela posse de pequenos meios de produção (oficinas, lojas de venda etc.) nos quais ela empregava principalmente sua própria força de trabalho e a de sua família para vender seus próprios produtos no mercado. A expectativa dos marxistas ortodoxos era de que esses "pequeno-burgueses" iriam desaparecer aos poucos devido à concorrência das grandes empresas capitalistas, afundando na classe dos trabalhadores assalariados industriais, até a sociedade ficar polarizada nas duas classes principais, a burguesia e o proletariado.

"Nem peixe, nem carne"

Mas já no começo do século 20 houve na social-democracia alemã o célebre debate entre [Eduard] Bernstein e [Karl] Kautsky sobre a "nova classe média". Eles se referiam a determinadas funções técnicas, econômicas e intelectuais que haviam resultado do processo de socialização capitalista. Com a cientificização crescente da produção e a expansão correspondente das infra-estruturas (administração, engenharia, formação, educação, sistema de saúde, sistema de comunicação, esfera pública midiática, instituições de pesquisa etc.) surgiu uma nova categoria social, que, segundo o velho esquema, não era "nem peixe nem carne".

Não se tratava de capitalistas, porque não representava nenhum grande capital monetário; tampouco se tratava de pequeno-burgueses clássicos, porque não possuía os próprios meios de produção e em grande parte era formada de assalariados ou de autônomos meramente formais; porém tampouco se tratava de proletários, porque era empregada não como "produtores diretos" mas como funcionários do desenvolvimento capitalista das forças produtivas em todos os âmbitos da vida.

Certamente houve, já no século XIX, professores e outros funcionários públicos bem como aqueles funcionários da economia empresarial que Marx designara de "oficiais e suboficiais". Mas numericamente essas categorias sociais pesavam tão pouco que mal podiam ser chamadas propriamente de "classes". Foi só com os novos requisitos do capitalismo no século XX que as funções correspondentes se tornaram de massa, a ponto de constituírem uma nova classe média.

No debate marxista ligado ao começo dessa evolução, Kautsky buscou pensar as novas camadas médias no antigo esquema, incluindo-as de alguma maneira no proletariado, ao passo que Bernstein quis enxergar nesse fenômeno social uma estabilização do capitalismo, que possibilitaria uma política reformista moderada. De início, Bernstein pareceu ter razão por um longo tempo. A nova classe média se revelou cada vez mais claramente uma categoria social distinta da classe trabalhadora tradicional, não apenas segundo o conteúdo e o local da atividade mas também no aspecto econômico. Barbara Ehrenreich menciona como critério o fato de que para essas pessoas seu "status social se baseia antes na formação do que na posse de capital ou de outros valores materiais". Como sua constituição requer um longo tempo, até os 30 anos de vida ou além disso, e devora grandes recursos, a qualificação superior eleva o valor da força de trabalho bem acima das demais variações médias. Foi nesse contexto que se originou um conceito rico em conseqüências, a saber: o de "capital humano". Engenheiros empregados, especialistas de marketing, planejadores de recursos humanos, médicos autônomos, terapeutas, advogados, professores pagos pelo Estado, cientistas e assistentes sociais "são", sob um determinado aspecto, o capital de um duplo modo. De um lado, eles se relacionam estrategicamente com o trabalho de outras pessoas por meio de sua qualificação, dirigindo e organizando no sentido da valorização do capital; de outro, eles se relacionam em parte (sobretudo na qualidade de autônomos ou de funcionários diretores) com sua própria qualificação e, dessa maneira, com eles próprios na forma de "capital humano", como um capitalista no sentido da "autovalorização". A nova classe média não representa o capital no plano dos meios de produção de materiais externos ou do dinheiro, ela o faz no plano da qualificação organizadora ligado aos processos de valorização, em um alto nível de aplicação de ciência e tecnologia.

Maio de 68

No decurso do século XX, formaram-se inúmeras novas funções dessa espécie, e a nova classe média aumentou cada vez mais em termos numéricos. Particularmente, o desenvolvimento após a Segunda Guerra Mundial trouxe, juntamente com as novas formas de produção fordista e as indústrias do lazer, um surto complementar que ia nessa direção; era perceptível que na maioria dos países a parcela dos estudantes aumentava de geração a geração. O movimento estudantil mundial de 1968 mostrou o significado maduro desse setor social; no entanto ele foi também um primeiro sinal da crise. Se até então a constituição da nova classe média tinha de fato estabilizado o capitalismo no sentido de Bernstein e esteve ligada a reformas progressistas, agora começava um processo de desestabilização. Certamente o novo desemprego estrutural em massa, na seqüência da terceira revolução industrial e da globalização do capital, atingiu de início principalmente os produtores industriais

diretos. Mas já estava delineado que também a nova classe média não seria poupada. A ascensão dessa classe acompanhou em muitos aspectos a expansão das infra-estruturas públicas, do sistema de formação e da burocracia do Estado social. A crise da valorização industrial real levou a uma crise financeira do Estado cada vez mais profunda. De repente, muitos domínios que antes eram considerados conquistas soberbas começaram a parecer luxo desnecessário e peso morto.

Diaristas intelectuais

O mote do "Estado enxuto" se propagou; as verbas para formação e cultura, para o sistema de saúde e numerosas outras instituições públicas foram cortadas; iniciava-se a demolição do Estado social. Também nas grandes empresas setores inteiros de atividade qualificada foram vítimas da racionalização. Dado o desabamento da nova economia, até mesmo as qualificações de muitos especialistas "high-tech" se viram desvalorizadas. Hoje não se pode mais ignorar que a ascensão da nova classe média não tinha uma base capitalista autônoma; pelo contrário, ela dependia da redistribuição social da mais-valia oriunda dos setores industriais. Da mesma maneira que a produção social real de mais-valia entra em uma crise estrutural devido à terceira revolução industrial, os âmbitos secundários da nova classe média vão sendo sucessivamente privados de seu solo fértil. O resultado não é somente um desemprego crescente de acadêmicos. A privatização e a terceirização desvalorizam o "capital humano" das qualificações inclusive no interior da parcela empregada e degrada o seu status. Diaristas intelectuais, trabalhadores baratos e empresários da miséria na figura de free-lance em mídias, universidades privadas, escritórios de advogados ou clínicas privadas não são mais exceções, mas a regra. Apesar disso, no final das contas também Kautsky não teve razão. Pois a nova classe média decaiu, é verdade, mas não para ser o proletariado industrial clássico dos produtores diretos, convertidos numa minoria que vai desaparecendo vagarosamente. De forma paradoxal, a "proletarização" das camadas qualificadas está ligada a uma "desproletarização" da produção.

Pessoas atomizadas

Nisso a desvalorização das qualificações vai de par com uma expansão objetiva do conceito de "capital humano".

Ao revés da decadência da nova classe média, realiza-se de certa maneira um inédito "pequeno-aburguesamento" geral da sociedade, quanto mais os recursos industriais e infra-estruturais aparecem como megaestruturas anônimas. O "meio de produção independente" se deteriora até atingir a pele dos indivíduos: todos se tornam seu próprio "capital humano", ainda que seja simplesmente o corpo nu. Surge uma relação imediata entre as pessoas atomizadas e a economia do valor, que se limita a reproduzir-se de maneira simulatória, por meio de déficits e bolhas financeiras.

Quanto maiores se tornam as diferenças entre o pobre e o rico, tanto mais desaparecem as diferenças estruturais das classes na estruturação do capitalismo. Por isso não tem o menor sentido que os ideólogos da classe média em queda queiram reclamar para si a velha "luta de classe do proletariado", não mais existente. A emancipação social requer hoje a superação da forma social comum a todos.

No interior do sistema produtor de mercadorias, só há a diferença quantitativa da riqueza abstrata, que, se existencialmente toca na questão da sobrevivência, não obstante permanece estéril em termos emancipadores. Um Bill Gates é tão pequeno-burguês quanto um empresário da miséria, ambos têm a mesma atitude para com o mundo e utilizam as mesmas frases. Com

essas frases sobre o mercado universal e a "autovalorização" na ponta da língua, eles atravessam solenemente, juntos, o portão para a barbárie.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Deu nos jornais

As promessas do Nafta não se cumpriram

Sob este título o jornal canadense **Le Devoir**, 20-9-04, na primeira página informa que após dez anos da entrada em vigor do Acordo de Livre Comércio Norte-Americano - Nafta -, os movimentos altermundialistas canadenses, mexicanos e americanos se uniram para denunciar os resultados do acordo e obstaculizar o seu aprofundamento. O encontro aconteceu no fim de semana retrasado na Universidade de Québec. A decisão do encontro foi exigir do governo canadense "um balanço exaustivo dos efeitos do Nafta desde a sua assinatura". Segundo o jornal, "não um balanço feito por economistas com tabelas de cálculos que demonstram tudo menos os fatos. Um balanço cidadão que leve em conta aqueles que, verdadeiramente, sofrem os efeitos do acordo". Os participantes do encontro avaliam, que "as desigualdades que existiam antes do acordo aumentaram, particularmente no que toca às mulheres e os povos autóctones. O abismo entre ricos e pobres aumentou, a riqueza se concentrou na mão de poucos, a renda média individual diminuiu, houve uma diminuição draconiana da criação de novos empregos, aumentou o número de trabalhadores migrantes e agravaram-se os problemas ambientais".

Paris e Brasília promovem uma "ética social da globalização"

Com esta manchete o jornal francês **Le Monde**, 21-9-04, noticia que a França, o Brasil, a Espanha e o Chile se empenham em fazer progredir a idéia de estudar a taxaço internacional das transações financeiras, o comércio de armas, as emissões de CO2 etc. Os presidentes Jacques Chirac e Luiz Inácio Lula da Silva encabeçaram uma coalisção contra a pobreza que, para eles, é uma das grandes ameaças para a estabilidade do mundo. O jornal destaca, também, a não participação dos EUA nesta coalizção. Por sua vez o jornal mexicano, **La Jornada** de 21 de setembro, destaca como manchete principal: "Lula, miséria, a maior arma de destruição massiva. Ele apela pela criação de uma frente global para abater a pobreza". A mesma notícia pode ser lida, com destaque, dia 21-9-04, nos jornais **El País**, da Espanha e **Le Devoir** do Canadá, entre outros.

A dura pressão do FMI sobre a Argentina

Dia 20-9-04, o diretor-presidente do Fundo Monetário Internacional, Rodrigo Rato, afirmou que o pagamento da dívida, proposto pelo governo Kirchner para 2005 "é insuficiente". Falou isto na frente de banqueiros e empresários, segundo os jornais argentinos **Clarín** e **Página/12** de 21-9-04. Trata-se do seguinte: o governo argentino já tinha aceitado o pedido do FMI de que o superávit fiscal, fixado em 2,4% em 2004, passaria a 3,2% em 2005. Agora Rato pressiona para que o superávit seja elevado para 4% em 2005. Isto, segundo Rato, "adoçaria" a oferta aos credores.

O salário é a raiz da desigualdade

O economista do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) Ricardo Paes de Barros afirmou dia 21 de setembro que, se o governo não mudar sua atual política social, o quadro de desigualdade permanecerá estável até o fim do governo Lula. Segundo ele, nos últimos 20 anos, praticamente não houve alteração nesse quadro, com o 1% da população mais rica se apropriando da mesma parcela da renda nacional que todos os brasileiros que estão na parcela dos 50% mais pobres. A notícia está publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, 22-9-04. Dia 21 de setembro, durante sessão plenária do 14º encontro da Abep (Associação Brasileira de Estudos Populacionais), que aconteceu em Caxambu (MG), o economista apresentou um estudo que conclui que é a diferença de salários pagos para ricos e pobres no mercado de trabalho, e não o desemprego elevado, a principal causa da desigualdade brasileira. O estudo do economista mostra que, para reduzir a extrema pobreza no país, é mais eficiente diminuir a desigualdade do que gerar apenas crescimento econômico, e que a maior parte das diferenças existentes no mercado de trabalho são apenas reveladas a partir da desigualdade educacional, e não geradas por ele. “O principal problema da população mais pobre não é falta de emprego, mas excesso de trabalho mal remunerado”, afirmou. O economista fez análise dos fatores que mais explicam a desigualdade brasileira, medida pela renda familiar per capita. O fator que mais contribui diretamente para a desigualdade, segundo o estudo, é a remuneração do trabalho, que explica 61% da desigualdade. O desemprego, segundo o economista, é responsável por apenas 5% dessa desigualdade.

Mais arrocho fiscal

Os principais jornais do País como **Folha de S. Paulo**, **O Globo** e **Valor Econômico**, trazem como manchete principal, no dia 23-9-04, a elevação do superávit primário de 4,25% para 4,5%. Segundo o jornal **Valor Econômico**, ao elevar o superávit em 0,25 ponto percentual - o que representa para a União uma economia de R\$ 4,2 bilhões - o governo deixa claro que aproveitará o excesso de arrecadação para apoiar o esforço fiscal e, com isso, reduzir a necessidade de elevar juros para conter a inflação. Segundo o jornal **Folha de S. Paulo**, o aumento corresponde à economia adicional de R\$ 4,2 bilhões que é o valor do custo previsto para a obra de transposição das águas do rio São Francisco. Segundo o jornal **O Globo**, a economia deste dinheiro é para o pagamento dos compromissos da dívida. Ainda segundo o jornal, a decisão foi tomada em reunião com os ministros Antonio Palocci (Fazenda), José Dirceu (Casa Civil) e Guido Mantega (Planejamento), após uma semana de debate entre as alas desenvolvimentista e econômica do governo.

A greve dos bancários

Apesar da crescente rentabilidade dos bancos na última década - que passou de 9,8% em 1994 para 20% em 2003 -, o piso salarial dos bancários caiu quase pela metade na mesma comparação: passou de 4,3 salários mínimos há dez anos para 2,6 no ano passado. Desde 2000, a categoria não consegue repor a inflação medida pelo INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) do IBGE. A informação está publicada, no jornal **Folha de S. Paulo**, 23-9-04. Segundo o jornal, os principais motivos, apontam especialistas, são o processo de informatização das instituições financeiras, que cortou milhares de vagas, e a elevada taxa de desemprego no país, que diminui a margem de manobra na negociação salarial. Em 1995, segundo dados do Ministério do Trabalho, havia 558.692 funcionários de bancos no país. No ano passado, eram 405.453 - 27,4% a menos. “O que determina a transferência da rentabilidade para os salários é a capacidade de organização, que é enfraquecida com o

desemprego”, afirma Anselmo Luis dos Santos, do Cesit (Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho), da Unicamp.

O pólen voador dos verdes OGM

Com este título o jornal **Le Monde**, 21-9-04, publica um artigo comentando um artigo de pesquisadores americanos da Agência para a proteção do ambiente e da US Geological Survey constando que o pólen transgênico pode fecundar plantas que distam até 21 km. Assim, os híbridos obtidos apresentam uma resistência a glifosato. Segundo o jornal francês, esta pesquisa reforça a relevância do princípio de precaução.

FMI elogia a elevação do superávit primário

O Fundo Monetário Internacional (FMI) elogiou dia 23 de setembro a elevação do superávit primário e das taxas de juros no Brasil. A elevação do superávit deste ano de 4,25% para 4,5%, anunciada pelo Ministério da Fazenda, foi recebida com uma declaração entusiasmada do diretor de Relações Externas do organismo, Thomas Dawson. “As autoridades brasileiras ao longo do programa mostraram dedicação em tomar medidas necessárias, muitas vezes preventivamente, sempre de maneira apropriada e no tempo certo. Eles parecem ter sólido controle e visão do que precisa ser feito. Isso está sendo reconhecido não apenas na expansão e fortalecimento da recuperação econômica, mas também pelos mercados, em termos de redução dos spreads e fortalecimento da moeda”, disse Dawson, segundo o jornal **Valor Econômico** de 24-9-04. O porta-voz do Fundo afirmou ainda que a elevação das taxas de juros pelo Banco Central mostra que as autoridades “têm um excelente entendimento e orientação para fortalecer seu programa. A performance tem superado as expectativas de todos, talvez com exceção das próprias autoridades”, disse, classificando a situação brasileira de “muito positiva”. Perguntado sobre a persistência de altas taxas de desemprego, Dawson disse que em várias economias a recuperação precede a criação de empregos. No caso brasileiro, segundo o porta-voz, a criação de empregos está se acelerando à medida em que a recuperação econômica parece mais sustentável.

Novo aperto exclui R\$ 3 bi em investimentos

Com o título acima, o jornal **Folha de S. Paulo**, 24-9-04, constata que por meio da nova meta de superávit primário, o governo decidiu manter bloqueados cerca de R\$ 3 bilhões de investimentos públicos já autorizados pela lei orçamentária para 2004, o que corresponde a 25% do total. É a consequência imediata do aperto fiscal extra anunciado dia 22 de setembro. O ajuste prejudica sobretudo obras em estradas, de infra-estrutura hídrica e na área de saneamento. Nenhum centavo extra será liberado na Esplanada, revela o relatório com a última revisão das projeções fiscais, encaminhado ao Congresso Nacional na noite de 23 de setembro. As principais vítimas do ajuste fiscal são os ministérios dos Transportes, da Integração Nacional e das Cidades, pastas que haviam sido alvo dos principais cortes de verbas até aqui.

Lula e soja transgênica

A afirmação feita dia 23 de setembro pelo presidente Lula, de que se for essencial aos produtores e houver acordo entre líderes partidários no Congresso ele poderá editar uma medida provisória para liberar o plantio de soja transgênica, abriu nova polêmica no Executivo. O problema, agora, cerca o conteúdo da MP. A notícia está publicada no jornal **Valor Econômico** de 24-9-04. Lula chamou o ministro da Coordenação Política, Aldo Rebelo, para uma reunião quinta-feira à noite com intuito de discutir o tema. Integrantes do governo esperam

uma definição no máximo na próxima semana. Já há duas correntes no governo: a que defende uma MP completa, com todo o conteúdo do texto negociado às pressas no Senado; e a que recomenda uma medida enxuta, tratando só da soja transgênica. A edição de uma MP com o texto do Senado pode criar problemas de relacionamento entre Executivo e Câmara, alertam alguns governistas. E há divisão no Ministério: a Agricultura prefere o texto do Senado; o do Meio Ambiente defende o que veio da Câmara. O ministro Rebelo e o líder do governo no Senado, Aloízio Mercadante (PT-SP), sugerem a Lula a edição de um texto completo. Já Ney Suassuna (PMDB-PB), que relatou o projeto da biossegurança no Senado, avalia que a melhor saída seria aproveitar apenas quatro artigos de seu parecer na MP. Para o presidente da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul) e vice-presidente da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), Carlos Sperotto, a edição da MP é uma medida “urgente”, porque o plantio da soja já começou no Mato Grosso e no Rio Grande do Sul e, sem o marco legal, os financiamentos aos agricultores estão “trancados”. O dirigente explicou, ainda, que o setor sequer chegou a negociar com o governo a publicação da MP depois que o Senado adiou para outubro a votação da Lei de Biossegurança. Já o governador do Paraná, Roberto Requião, tem esperanças de que não saia a MP. E, se ela for assinada, tudo indica que o Paraná continuará a barrar os transgênicos. Requião recebeu nesta quinta a visita da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, que salientou que a pesquisa brasileira envolvendo soja convencional não pode ser desprezada diante de uma suposta vantagem econômica. “Considero legítimo o posicionamento do governador Requião, porque está baseado em oportunidades de mercado e na tendência dos consumidores que, cada vez mais, querem produtos com benefícios garantidos”, disse ela, segundo texto do governo paranaense. Requião lembrou que o Paraná já recebeu missões chinesas e européias e mantém contatos na Índia para vender soja convencional.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Frases da semana

O Copom e o Tesouro x a turma do desenvolvimento. Um jogo de futebol

*“Ocorre-me uma imagem futebolística: o Copom manda a bola alta dos juros e o Tesouro a segura no peito. O jogo tem dois pontas-direitas recuados que, de vez em quando, embaralham as pernas e fazem gol contra. A galera que assiste ao jogo pode vaiar à vontade. A turma do desenvolvimento que estava no aquecimento é barrada. Como não são robôs, têm o direito de espernear, mas o capitão da ‘equipe de reservas’ leva cartão amarelo do árbitro e notinhas desabonadoras da grande imprensa”. - Maria da Conceição Tavares, economista - **Folha de S. Paulo**, 19-9-04.*

O custo dos juros

*“O aumento de juros da semana passada, ainda que irrelevante, um quarto de 1%, custou R\$ 300 milhões por ano”. - João Sayad, economista, ex-ministro do planejamento e ex-secretário municipal do governo Marta Suplicy - **Folha de S. Paulo**, 20-9-04.*

A desigualdade social

*“Em 1820, a diferença de renda per capita entre o país mais rico e o mais pobre do planeta era inferior a cinco vezes. Hoje, essa diferença é de 80 vezes”. - Luís Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil, no discurso pronunciado na ONU - **Jornal do Brasil**, 22-9-04.*

“Os antigos súditos converteram-se em devedores perpétuos do sistema econômico internacional. Barreiras protecionistas e outros obstáculos ao equilíbrio comercial, agravados pela concentração dos investimentos do conhecimento e da tecnologia, sucederam ao domínio colonial”. - **Luís Inácio Lula da Silva**, presidente do Brasil, no discurso pronunciado na ONU - **Jornal do Brasil**, 22-9-04.

“A falta de saneamento básico matou mais crianças na década passada do que todos os conflitos armados desde a II Guerra”. - **Luís Inácio Lula da Silva**, presidente do Brasil, no discurso pronunciado na ONU - **Jornal do Brasil**, 22-9-04.

“Nas últimas décadas, a globalização assimétrica e excludente aprofundou o legado devastador de miséria e regressão social, que explode na agenda do século XXI. Hoje, em 54 países a renda per capita está mais baixa do que há dez anos. Em 34 países, a expectativa de vida diminuiu. Em 14, mais crianças morrem de fome”. - **Luís Inácio Lula da Silva**, presidente do Brasil, no discurso pronunciado na ONU - **Jornal do Brasil**, 22-9-04.

Brasil e China. Eis a diferença

“O crescimento desproporcional das exportações brasileiras deve-se a um único país, a China, e consiste de um conjunto relativamente pequeno de commodities e de matérias-primas”. - **Peter Allgeier**, o vice-chefe do USTR (United States Trade Representative, uma espécie de ministério do comércio exterior dos Estados Unidos – **Folha de S. Paulo**, 22-9-04.

O amadurecimento do PT

“O PT está num processo de crescimento e amadurecimento em tendo assumido o governo, o que acho extremamente positivo para o país”. – **Henrique Meirelles**, presidente do Banco Central, ex-deputado federal eleito pelo PSDB – **Folha de S. Paulo**, 26-9-04

O Brasil precisa crescer

“O Brasil precisa crescer - e a taxas maiores de 3,5%. Sou de uma geração que viu o país crescer, sem parar, a taxas de 7% ao ano. O Brasil precisa crescer acima de 5% pelo menos, e consistentemente. Temos uma fatura social colossal para resgatar. O número de empregos que temos de criar é gigantesco, mas, ao mesmo tempo, temos restrições externas. Temos de fazer crescer as exportações, temos de descomprimir a infra-estrutura para levar as exportações à frente”. - **Carlos Lessa**, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES – **Folha de S. Paulo**, 26-9-04.

“The best lack all conviction. The worst are full of passionate intensity”

“Transcorridos nove anos, despeço-me de um mundo internacional que não é mais aquele que me acolheu. Infelizmente, é um mundo no qual, conforme dizia Yeats, “the best lack all conviction, while the worst are full of passionate intensity”, “os melhores não têm nenhuma convicção, enquanto os piores estão cheios de apaixonada intensidade”. Parafraçando Lord Grey no início da Grande Guerra, “a luzes vão se apagando, uma a uma, em toda a Terra”. Quanto tempo ainda teremos de esperar para vê-las brilhar de novo?”. – **Rubens Ricupero**, ao deixar o cargo de secretário-geral da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento – Untacd – **Folha de S. Paulo**, 26-9-04.

O neoconservadorismo americano: Deus é americano

“O neoconservadorismo americano repousa sobre a idéia que somente existem indivíduos concretos que têm em comum uma lei moral de origem divina. Esta lei, que provém do Antigo e do Novo Testamento, nos dá os direitos humanos que ninguém nos pode tirar. O que quer dizer que nenhuma maioria nem minoria política, nenhuma oligarquia, nem Estado podem abrogá-los. A grande lição da democracia americana é de ter compreendido que fundando os direitos individuais sobre um princípio transcendente, os tornou inalienáveis. É por isso que nunca houve um regime totalitário nos EUA como houve na Europa”. – Yves Roucaute, professor na Universidade de Paris X, autor do livro **La puissance de la liberté**, Paris: PUF. 2004 – **Le Figaro**, 23-9-04.

O capitalismo europeu e o anglo-saxão

“O capitalismo é um sistema terrivelmente eficaz, mas socialmente cruel e gravemente instável”. – Michel Rocard, ex-primeiro ministro francês, deputado do Parlamento Europeu – **Le Monde**, 25-9-04.

“O caráter mais humano do capitalismo europeu continental está prestes a desaparecer em proveito do capitalismo muito mais brutal dos anglo-saxões”. – Michel Rocard, ex-primeiro ministro francês, deputado do Parlamento Europeu – **Le Monde**, 25-9-04.

Mudar nosso conceito de realidade

“Milhões de outras pessoas já chegaram à conclusão de que tentar conquistar o poder estatal não é um caminho para mudar o mundo e nos envolve num tipo de política que é alienadora e burocrática. A única opção que resta é encontrar outros caminhos. Isso significa desafiar conceitos tradicionais da esquerda sobre a realidade da política e mostrar que o realismo é na verdade totalmente irrealista. Nosso conceito atual do que é a realidade é parte do mundo que queremos mudar: para mudar o mundo temos que mudar nosso conceito de realidade. Isso não é metafísica, mas crítica ou dialética” – John Holloway¹³, cientista político irlandês, autor do livro **Mudar o mundo sem Tomar o Poder** – **Folha de S. Paulo**, 19-9-04.

Obs. As editorias *Deu nos Jornais* e *Frases da Semana* sintetizam a atualização diária da página www.ihu.unisinos.br. Esta atualização é feita diariamente em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT.

[\(Voltar ao índice\)](#)

¹³ **IHU On-Line** realizou uma entrevista com John Holloway, publicada na 89ª edição de 12 de janeiro de 2004. Na mesma edição consta uma resenha do livro do autor **Mudar o mundo sem tomar o poder**. (São Paulo: Ed. Viramundo, 2003). A referida obra foi resgatada na 104ª edição, de 7 de junho de 2004, com a publicação de uma síntese, de autoria de Cesar Sanson, do Cepat, de Curitiba. (Nota do **IHU On-Line**).

EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

IHU Idéias

MÍDIA E TERROR

As relações entre o terrorismo e a mídia foram discutidas na última edição do evento **IHU Idéias**, realizada dia 23 de setembro de 2004. Tendo como título *Mídia e Terror*, a palestra foi proferida pelo Prof. Dr. Jacques Alkai Wainberg, professor na Unidade de Ciências da Comunicação da Unisinos e na graduação e pós-graduação da PUCRS. Ele afirmou que o terrorismo é um fenômeno de comunicação política, já que os terroristas, na condição de atores sociais, evocam a atenção da mídia, pela morte de inocentes. Jacques Wainberg ainda lembrou que o terrorista tem o desejo de desorganizar a sociedade e que ele sempre considera a sua causa "sagrada". Confira na 116ª edição, de 21 de setembro de 2004, uma entrevista que Jacques Wainberg concedeu ao **IHU On-Line**, comentando aspectos do tema, apresentado quinta-feira.

Ecoss do evento

"O professor expôs o tema de forma direta e clara. Acho importante discutirmos, na academia, um tema tão atual e de maneira tão elucidativa".

Hélio Roberto Franz, aluno do curso de Arquitetura da Unisinos.

"O evento estava dentro do que eu esperava, do que se fala na mídia hoje. Interessei-me pela discussão porque, como estudante de Jornalismo, é difícil saber como lidar profissionalmente com essa situação. Nesse sentido, o professor ajudou muito, trazendo parâmetros diferentes com um posicionamento crítico, proporcionando nossa análise e reflexão sobre o assunto".

Anaiara Ventura, aluna do curso de Jornalismo na Unisinos.

A CIDADE E A CULTURA DIGITAL

O último **IHU Idéias** do mês de setembro, no próximo dia 30, terá como tema A cidade afetada pela cultura digital. O Prof. Dr. Paulo Edison Reyes, da Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos, é o responsável pela explanação. O evento acontecerá na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h.

Paulo Reyes é professor e coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unisinos. Graduado em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Ritter dos Reis, é mestre em Planejamento Urbano pela Universidade de Brasília (UnB). Sua dissertação intitula-se Rede Estruturadora da Vida Urbana: a experiência pública. O professor concluiu este ano o doutorado em Ciências da Comunicação pela Unisinos, com a tese Digitalidade tematizada pelo cinema: dimensões de tempo e de espaço. Paulo Reyes é organizador da obra **O campo das Mídias - Estratégias e Representações**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000. O professor concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** por e-mail. Confira, a seguir:

IHU On-Line - Quais são as principais idéias que apresentará na exposição A cidade afetada pela cultura digital, no próximo IHU Idéias?

Paulo Reyes - Correndo e assumindo o risco de ser reducionista, pretendo recortar a discussão da cultura digital pelo viés urbano, pelo foco da cidade, e não isolado no campo do ciberespaço. Interessa-me, particularmente, como as tecnologias digitais modificam ou tensionam o cotidiano da cidade nas suas dimensões de tempo e de espaço. Cada nova tecnologia que se insere no panorama urbano, gera novos tensionamentos na dinâmica da vida urbana das cidades. O automóvel, por exemplo, foi uma tecnologia que não só comprometeu a estrutura urbana já existente como determinou novos estudos morfológicos que pautaram o desenho das novas cidades do século XX (por exemplo, Brasília) e que serviram de regra para as alterações nos tecidos antigos da cidade. Da mesma maneira, a tecnologia digital tensiona as mobilidades internas da cidade, alterando sentidos de tempo e de espaço. Em relação aos novos sentidos espaciais, a cultura do digital aponta para uma experiência não-presencial em relação às ações humanas. Várias práticas sociais podem ser executadas sem gerar deslocamentos físicos e visíveis na cidade. Com isso, o sentido de dimensão pública muda. O contingente de pessoas estranhas que circulam na cidade para resolver as mais diversas tarefas é substituído por uma espécie de ausência. Essa ausência constrói um universo paralelo que muitos nomeiam como ciberespaço - uma espécie de realidade paralela, mais estetizada do que a do espaço público de uso coletivo dos ambientes urbanos. Em relação aos sentidos temporais, a cultura do tempo linear perde valor para uma ação em rede, multitemporal, em que as ações ocorrem paralelas como camadas sobrepostas umas às outras. Então, propõe-se pensar a realidade digital no âmbito da cultura urbana, e não apartado em um espaço paralelo, virtual.

***IHU On-Line* - Como a comunicação, a arquitetura e o planejamento urbano podem se unir para compreender melhor nossa sociedade contemporânea?**

Paulo Reyes - A discussão da cultura do digital nada mais é do que a discussão de velocidades. Paul Virilio¹⁴ já apontava para isso, quando anunciava a sua Dromologia¹⁵. Sendo assim, a Arquitetura parece ser a área que constrói objetos fixos na cidade e os ordena num conjunto unitário para que sirva às mais diversas dinâmicas. A Comunicação, por outro lado, investe nos fluxos que interligam as ações humanas. E sobra, para o Planejamento Urbano, o gerenciamento desses fluxos no universo dos fixos. A tarefa do planejar é, cada vez mais, gerenciar tempo e menos espaço. Quando o espaço se engessa dentro de uma estrutura rígida é por meio de soluções de fluxos que se garante a dinâmica do lugar. Por isso, o digital aparece muito mais como uma aceleração dos atuais fluxos, devendo gerar novas maneiras de organização espacial, do que um novo mundo paralelo. Novamente, temo pelas associações simplistas e diretas, mas, de qualquer maneira, as faço para que tenhamos pontos de partida para uma reflexão mais ampla, e assim possamos recuperar a complexidade que está implicada nisso.

***IHU On-Line* - Como as concepções de público e privado na atual sociedade brasileira influenciam a estrutura urbana?**

¹⁴ Paul Virilio, urbanista e filósofo francês, nascido em 1932. Estuda e critica efeitos perniciosos da velocidade nas relações sociais contemporâneas, desde os seus reflexos no processo cognitivo até suas implicações na política. É autor, entre outros, de ***Guerra Pura***. São Paulo: Brasiliense, 1984; ***O espaço crítico***. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993; ***A máquina de visão***. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994; ***Velocidade e Política***. São Paulo: Estação Liberdade, 1996; ***A bomba informática***. São Paulo: Estação Liberdade, 1999; e ***Ville panique***. Paris: Galilée. 2004. (Nota do *IHU On-Line*).

¹⁵ Neste mundo onde a velocidade e o movimento destroem o tempo e onde o humano fica subjugado à vertigem da aceleração, Paul Virilio propõe a criação de uma dromologia, uma espécie de ciência da velocidade e da aceleração. Drómos: ação de correr, corrida. (Nota do *IHU On-Line*).

Paulo Reyes - A cidade, historicamente, constrói o público nos espaços abertos de uso coletivo. São nesses espaços que a diferença se faz presente. É aí, no espaço sem restrições, que a diversidade se encontra e se reconhece como diferença. Esse espaço tem, por atributo, o acaso. É como se estivéssemos sempre à deriva, como já anunciavam os Situacionistas liderados por Guy Debord¹⁶ na década de 1960. Com a ampliação da mídia, a noção de público ganha uma nova dinâmica. Uma deriva menos ao acaso e mais controlada, mesmo que digam o contrário os fixionados pelo digital. Se o digital propõe a ação em rede, mais horizontal do que a mídia tradicional realizava, ela ainda não supera as relações presenciais, no que concerne à identificação da diferença. O digital propõe um universo mais fantasioso, e aqui não vai nenhum juízo de valor, mas constrói uma realidade mais estetizada, mais idealizada do que as “imperfeições” da realidade urbana. O mais interessante, ainda, é que ela (a cultura do digital), se por um lado, constrói um universo paralelo, por outro, consegue embaralhá-lo a ponto de não fazer sentido algum falar em espaço à parte, ou ainda em um público e um privado. É público ao mesmo tempo que é privado e é privado na medida que se apresenta como público. Mas, se no mundo do digital, as fronteiras se esfumam, o mesmo não ocorre na estrutura urbana, pois ainda, quando ao deixar para trás a minha casa no ato de fechar a porta, deixo também para trás o mundo privado.

IHU On-Line - A última edição de IHU On-Line abordou a Jornada “Na Cidade Sem Meu Carro”, que aconteceu dia 22 de setembro. Como o uso do carro influencia a estrutura urbana atual? Quais as alternativas que o senhor poderia sugerir, levando em conta a poluição, as doenças, os engarrafamentos, etc.?

Paulo Reyes - A discussão dos deslocamentos não pode ocorrer fora do contexto cultural. Passamos a vida toda buscando novas tecnologias que possam nos remeter mais rapidamente a qualquer espaço, em menos tempo. Estão aí as mais diversas maneiras de construção dessa idéia por meio dos filmes de viagens no túnel do tempo – como num passe de mágica, passamos de um tempo ao outro, de um espaço ao outro, sem limitações. No entanto, se conseguimos com a ajuda da alta tecnologia desenvolver automóveis ultravelozes, estamos, ao mesmo tempo, limitados pelas imensas barreiras que constituem e dão materialidade à realidade. Não estamos imunes a acidentes, a multas, à poluição, a engarrafamentos. Se construímos a cultura da imobilidade por meio do automóvel, figurada por imensos engarrafamentos, estamos construindo a cultura do estresse, representada pela cultura da velocidade do digital. Se podemos apontar para uma alternativa, talvez essa possa ser a contenção da velocidade, ou melhor, o desencantamento da velocidade.

Acompanhe, a seguir, a programação do IHU Idéias no mês de outubro:

07/10/04 – “Corpo-Verão: agenda do corpo na revista feminina”- Adriana Braga - Doutoranda em Comunicação na Unisinos

14/10/04 – “Para onde vai a arquitetura hoje?” - Prof. MS Ronaldo de Azambuja Ströher – Professor na Unisinos

21/10/04 - “O vampirismo no mundo contemporâneo” - Prof. MS Marcelo Noronha – Professor na UFRGS

¹⁶ Entre seus livros traduzidos ao português citamos **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997; e **Panegírico**. São Paulo: Conrad, 2002. Sobre o autor conferir o livro de Anselm Jappe: **Guy Debord**. Petrópolis: Vozes, 1999. (Nota do *IHU On-Line*).

28/10/04 – “Bioinformática: uma nova perspectiva para compreender a vida” - Prof. Dr. Ney Lemke – Professor na Unisinos

Encontro de Ética para alunos

A próxima edição do evento **Encontro de Ética para alunos** está agendada para hoje, dia 27 de setembro. O tema *Futuro da espécie humana* será abordado pelo Prof. MS Erno Wallauer, da Unidade de Ciências Humanas da Unisinos. Todos estão convidados para a palestra com debate posterior, que acontece das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU.

Sala de Leitura

A próxima edição do evento **Sala de Leitura**, promovido pelo IHU, acontecerá amanhã, dia 28 de setembro, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. Na ocasião, o professor Arthur Blásio Rambo, do PPG em História da Unisinos, apresentará o livro **Pe. João Evangelista Rick, SJ. Cientista, colonizador, apóstolo social, professor** (São Leopoldo: Unisinos, 2004), escrito por ele e pelo padre Arthur Rabuske, SJ. O professor Dr. Arthur Rambo tem graduação em Letras Clássicas, Filosofia, História Natural e Teologia. É também doutor em Filosofia pela PUCRS, com a tese *A Origem do Homem*; aspectos científicos, filosóficos e teológicos. Fez pós-doutorado na Université de Paris V (René Descartes), da França, e obteve livre-docência pela PUCRS. É autor de, entre outros, **A escola comunitária teuto-brasileira católica**. São Leopoldo: Unisinos, 1994; e organizador de **O rebento do carvalho; contos dialetais**. São Leopoldo: Unisinos, 2002. Confira, a seguir, um artigo elaborado pelo professor, especialmente para o **IHU On-Line**:

PE. JOÃO E. RICK

Por Arthur B. Rambo

O Pe. João E. Rick nasceu em 1869 no Tirol Austríaco. Entrou na Companhia de Jesus em 1887, ordenou-se sacerdote em 1901, sendo destinado, em 1903, para a Missão dos Jesuítas no Sul do Brasil. Faleceu no Seminário de Salvador do Sul, em 1947. Esses dados biográficos lacônicos e aparentemente assépticos, aplicáveis à biografia de qualquer um dos jesuítas que a Província Alemã da Ordem costumava mandar para o Sul do Brasil, escondem, na verdade, uma personalidade nada convencional. Seu carisma, sua importância e sua contribuição na consolidação da obra dos filhos de Santo Inácio nesta parte do Brasil servem de exemplo e, por isso, merecem ser lembrados. Este foi o motivo que levou à publicação da biografia e dos apontamentos que o Pe. Rick deixou como testemunhos de suas obras.

O Pe. Rick integrou, ao lado de Theodor Amstad e Max von Lassberg, o trio de jesuítas que passaram para a história da imigração do Rio Grande do Sul com o nome de *patres colonorum* ou “pais dos colonos”. Theodor Amstad caracterizou-se pela exatidão, pela meticulosidade e pela visão ampla e realista que tinha do seu tempo. Max von Lassberg foi o pastor de almas por excelência, representante em cultura pura, do catolicismo bávaro. O Pe. Rick, um tirolês de dois metros de altura, dotado de um olhar que, segundo os que o conheceram mais de perto, “penetrava até os ossos”, era dono de uma personalidade avassaladora. Pouco ou nada afeito a detalhes, a registros exatos, a demonstrações estatísticas, impulsionava-o uma quase fúria de desbravador, que não perde tempo com a limpeza e a organização do terreno conquistado. Confiava essa tarefa aos que o seguiriam. Ele dizia de si próprio que, se tivesse nascido na Renascença, não se teria feito jesuíta mas um *condottieri* italiano. Essa caracterização se aplica a ele em todas as atividades que exerceu nos quarenta e quatro anos em que trabalhou pelo bem-estar e a saúde material e espiritual daqueles pelos quais era responsável. Foram muitas e

variadas essas atividades, exigindo a envergadura de um gênio e a ousadia de um conquistador, para dar o lance certo no momento exato, sobre o "multifacetado tabuleiro de xadrez", como costumava caracterizar a sua vida. E, neste tabuleiro de xadrez, foi preciso colocar em xeque-mate os desafios surgidos no decorrer das pesquisas sobre fungos, nas aulas de matemática e história natural no colégio, na cátedra de moral no seminário, nas obras assistenciais que fundou, na catequese aos ferroviários, nas negociações com o Presidente do Estado, no desencontro com as autoridades eclesiásticas e religiosas, na batalha com os sofrimentos crônicos de natureza nervosa e psíquica e, de modo especial, na implantação e consolidação da sua obra maior, a colonização de Porto Novo, hoje Itapiranga, no extremo oeste de Santa Catarina.

A vida e a obra do Pe. Rick encontram-se sintetizadas no epitáfio que seu discípulo, amigo, confidente e herdeiro, o Pe. Balduino Rambo, mandou gravar no monumento de granito erigido pela Sociedade União Popular dos Católicos do Rio Grande do Sul sobre a sua sepultura: *Sacerdos Dei, Colonorum Pater, Scientiarum Cultor* ou "Sacerdote de Deus, Pai dos Colonos, Cultivador das Ciências".

Abrindo o Livro

A próxima edição do evento **Abrindo o livro** será dia 5 de outubro, na sala 1G119 do IHU, das 19h45min às 22h. Na ocasião, a professora Dr.^a Tânia Lindner Dutra, do PPG em Geologia da Unisinos, apresentará o livro **Vida maravilhosa**, de Stephen Gould.

No dia 3 de novembro de 2004 acontecerá mais uma edição do evento **Abrindo o Livro**, promovido pelo IHU. O Prof. Dr. Ney Lemke, professor na Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos, estará das 19h45min às 22h, na sala 1G119 do IHU, apresentando a obra **The Computational Beauty of Nature: Computer Explorations of Fractals, Chaos, Complex Systems and Adaptation**, de G. W. Flake. Cambridge: The MIT Press, 2000. O evento é gratuito e aberto à comunidade universitária.

II Ciclo de Estudos sobre o Brasil

No próximo encontro do evento **II Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, o livro que será discutido e abordado é **A pedagogia do oprimido**, de Paulo Freire. Quem conduz o debate é o professor Dr. Danilo Romeu Streck, professor do PPG em Educação da Unisinos, do qual é também coordenador. O evento acontecerá no próximo dia 30 de setembro, das 14h às 17h, na sala 1G119 do IHU. Colaboram com o Instituto Humanitas na realização do **II Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, as Unidades Acadêmicas de Ciências da Comunicação e Ciências Econômicas e Administrativas da Unisinos.

Graduado em Letras pela Unisinos, Danilo Streck é mestre em Educação Teológica, pela Princeton Theological Seminary, e doutor em Fundamentos Filosóficos da Educação, pela Rutgers - The State University of New Jersey, nos Estados Unidos. Em 2002, fez pós-doutorado na University of California, Estados Unidos. O professor é autor de diversos livros, entre os quais citamos: **Correntes Pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 1994; **Pedagogia no encontro de tempos: ensaios inspirados em Paulo Freire**. Petrópolis: Vozes, 2001; e **Educação para um novo contrato social**. Petrópolis: Vozes, 2003. Este último livro foi apresentado pelo professor Danilo na primeira edição do evento **Sala de Leitura**, de 30 de setembro de 2003, sobre o qual ele concedeu uma entrevista na 76ª edição do **IHU On-Line**, de 22 de setembro de 2003. Danilo Streck é organizador de, entre outros, **Educação e Igrejas No Brasil: Um Ensaio Ecumênico**. São Leopoldo: Sinodal, 1995; **A Educação Básica e O Básico Na Educação**. Porto Alegre: Sulina, 1996; e **Paulo Freire: Ética, utopia e educação**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. O professor Danilo elaborou um artigo especialmente para a presente edição do **IHU On-Line**, no qual fala sobre a obra que apresentará no evento do próximo dia 30.

UMA PEDAGOGIA DO OUTRO: CONVITE PARA RELER A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Por Danilo Streck

Pedagogia do Oprimido, o principal livro da obra de Paulo Freire, continua se escrevendo em vários lugares e línguas, de muitos jeitos. Aliás, bem ao estilo de seu autor que, a partir dele, foi gerando a **Pedagogia do Conflito**, a **Pedagogia da Esperança**, a **Pedagogia da Autonomia** e a **Pedagogia da Indignação**. Muitas outras pedagogias foram e continuam sendo inventadas como parte da vida que busca condições de ser vivida.

Escrito no fim da década de 1970, o livro reflete o clima de uma época de intensa mobilização política: das mulheres, dos estudantes, dos operários e dos colonizados. Se o livro se tornou um clássico é porque Paulo Freire "acertou a veia", emprestando as palavras certas para homens e mulheres que delas passavam a fazer os seus instrumentos para ler e mudar o mundo.

Como de qualquer outro clássico, não faz muito sentido perguntar se a **Pedagogia do Oprimido** continua atual. Não se pode esperar este tipo de permanência de qualquer texto. A pergunta-chave é se o livro nos ajuda a sermos atuais em nosso mundo. Usando uma expressão do próprio Freire, a não sermos exilados no tempo que nos cabe viver.

Por isso, o livro também provoca ecos distintos: alguns são tocados pela dialogicidade do ato pedagógico, outros pela radicalidade política ou pelo método de alfabetização. Haverá quem não ouve eco algum e haverá aqueles que sempre tentarão salvar o verdadeiro Freire. Na realidade, o livro foi dedicado "aos esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e, assim descobrindo-se com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam." A atualidade, então, não passa primeiro pela adequação dos referenciais ou a semelhança do contexto, mas pela intenção de ser uma pedagogia daquele outro que vê sua humanidade ameaçada, que não pode realizar a sua vocação de "ser mais".

Nesse sentido, o livro merece ser lido como o testemunho de um advogado que um dia decidiu ser educador e apostou que os moradores de Angicos (no Rio Grande do Norte) aprenderiam a ler e a expor o seu pensamento e, desse modo, a compreender um outro mundo. Desde então, passaram as ditaduras, caiu o muro de Berlim, alguns não acreditam mais em sujeito ou em história, os esfarrapados receberam outros nomes, e a educação descobriu as competências. Mas continua, mais aguda ainda, a necessidade de recolocar o tema formulado nos primeiros parágrafos de **Pedagogia do Oprimido**: "Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem, a si mesmos, como problema".

Haverá melhor convite para reler a **Pedagogia do Oprimido** do que este desafio?

"A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de Pedagogia do Oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará". (FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido).

"Foi vivendo a intensidade da experiência da sociedade chilena, da minha experiência naquela experiência, que me fazia repensar sempre a experiência brasileira, cuja memória viva trouxe comigo para o exílio, que escrevi a Pedagogia do Oprimido entre 1967 e 1968. Texto que retomo agora, na sua "maioridade", para rever, repensar, para redizer. Para dizer também, pois

que o retorno noutro texto que tem igualmente seu discurso que, do mesmo modo, fala por si, falando da esperança." (FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*).

Evento celebra 3 anos do IHU

Com os objetivos de festejar os três anos do Instituto Humanitas Unisinos, dar-lhe visibilidade e valorizar as diversas iniciativas que identificam sua missão na Universidade, será realizada uma extensa programação, que se estende de hoje, 27 de setembro, a 7 de outubro. O evento inicia com a Exposição Comemorativa IHU 3 ANOS, no Espaço Cultural do IHU, das 9h às 21h, dos dias 27 e 28 de setembro. Estarão expostos à visitação pública material institucional do IHU (fôlderes, publicações, **IHU On-Line** para distribuição); boletins já editados; três microcomputadores para acessar o site do IHU; painel com fotos.

A abertura da exposição será às 18h30min do dia 27 de setembro, data oficial dos três anos do IHU. Na oportunidade será feito o lançamento da nova publicação do IHU, os **Cadernos Teologia Pública**. Haverá seção de autógrafos e venda da publicação. Também será distribuído aos visitantes o material promocional do site do IHU (www.ihu.unisinos.br).

A exposição se tornará itinerante a partir do dia 29 de setembro, percorrendo as diversas Unidades Acadêmicas da Universidade. No dia 29 de setembro, a exposição estará na Unidade de Ciências Humanas; no dia 30 de setembro, na Unidade de Ciências Econômicas; no dia 1º de outubro, na Unidade de Ciências Jurídicas; no dia 4 de outubro, na Unidade de Ciências Biológicas; no dia 5 de outubro, na Unidade de Ciências da Comunicação; no dia 6 de outubro, na Unidade de Ciências Exatas; e no dia 7, na Unidade de Ciências Tecnológicas.

Religiosidade Midiática: uma nova agenda pública na construção de sentidos?

Cadernos IHU n.º 9, recém-lançado, traz o artigo *Religiosidade Midiática: uma nova agenda pública na construção de sentidos?* de autoria do Prof. Dr. Pe. Atilio Hartmann, pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. Para o autor, "dissertar sobre as novas expressões de religiosidade deixou de ser tema-tabu para transformar-se em um dos mais recentes e desafiadores temas de debate como uma nova agenda na construção de sentidos. E o tema, como não podia deixar de ser, explodiu nas modernas mídias eletrônicas, literalmente". Para as modernas mídias massivas, o assunto ganhou maior visibilidade e gera mais impacto no público consumidor. A questão que se levanta é: "Será possível afirmar que a visibilização de religiosidades de diferentes corte e conteúdo institucionais ou, mesmo, sem nenhuma vinculação eclesial/institucional, possa significar uma nova agenda de construção de sentidos? E que sentidos são esses: transcendentais, utópicos, para um 'outro mundo', como eram e ainda são propostos por igrejas históricas, cristãs e outras, ou sentidos tópicos, definidos e situados, de respostas para temas/problemas muito humanos no aqui e agora?" "No mundo católico-romano, a visibilidade se dá, principalmente, em redes de rádio e televisão de alcance nacional e, o que há 20 anos era inimaginável, com muito boa resposta de audiência. A *Rede Vida de Televisão*, por exemplo, no ar há apenas seis anos, é, hoje, a quinta rede nacional. Vem logo após a *Rede Record*, de propriedade do ator religioso Edir Macedo e que dedica um significativo número de horas/dia à programação chamada 'evangelizadora', religiosa." O caderno também discute a história e a atualidade da religiosidade midiática, a sua construção de sentido e os novos atores sociais com Edir Macedo, Romildo Ribeiro Soares e Pe. Marcelo Rossi.

Os **Cadernos IHU** são uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos e podem ser adquiridos na Livraria Cultural ou pelo e-mail humanitas@poa.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública. Uma nova publicação do IHU

Por ocasião dos três anos da criação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, serão lançados, nesta semana, os **Cadernos Teologia Pública**. O editor responsável é o diretor do IHU, Prof. Dr. Inácio Neutzling. Trata-se de mais uma publicação do IHU que se soma às seguintes: **IHU On-Line**, publicação semanal, há três anos em circulação, **Cadernos IHU Idéias**, lançados em junho de 2003 e que estão no n.º 21, e os **Cadernos IHU**, lançados em janeiro deste ano e estão no n.º 9. A essas se acrescenta a publicação denominada **Multitextos** que serve de subsídio para os colaboradores do IHU.

A publicação dos **Cadernos Teologia Pública** quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia. A teologia como função do reino de Deus no mundo se desenvolve na esfera pública como teologia pública. Ela participa da vida pública da sociedade com a qual se compromete crítica e profeticamente, na perspectiva do reino de Deus que vem. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões constituem o horizonte da teologia pública. Os **Cadernos Teologia Pública** se inscrevem nesta perspectiva. Eles são fruto da realização do *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, ocorrido na Unisinos, de 24 a 27 de maio de 2004, celebrando a memória do nascimento de Karl Rahner, importante teólogo alemão do século XX.

Os dois primeiros números dos **Cadernos Teologia Pública** são: n.º 1 "Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI", de Johan Konings, professor no Instituto Santo Inácio, de Minas Gerais; e n.º 2 "Teologia e Espiritualidade. Uma leitura teológico-espiritual a partir da realidade do movimento ecológico e feminista", de Maria Clara Bingemer, decana no Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUCRio.

O conselho editorial dos **Cadernos Teologia Pública** é composto, entre outras, pelas seguintes pessoas: Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, da PUCRS, Prof.ª Dr.ª Cleusa Andreatta, da Unisinos, Prof.ª Dr.ª Edla Eggert, da Unisinos, Prof. Dr. José Roque Junges, da Unisinos e Prof. Dr. Inácio Neutzling, da Unisinos.

Terra Habitável: Um desafio para a humanidade

No dia 23 de setembro, reuniu-se o Conselho Técnico-científico do *Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade* que acontecerá de 16 a 19 de maio de 2005, na Unisinos. O Simpósio celebrará a memória do centenário do nascimento de Balduino Rambo (1905-2005), do cinquentenário da morte de Teilhard de Chardin e o centenário do "annus mirabilis" de Einstein. Assim estiveram reunidos os professores Dr. Luiz Paulo Bignetti, Dr. Paulo Henrique Dionísio, Dr. Fernando Althoff, Leonel Severo Rocha, Vicente de Paulo Barretto, respectivamente, professores dos cursos de Economia, de Física, PPG em Geologia, PPG em Direito. O conselho é composto também pelos professores Dr. Carlos Roberto Sorensen Dutra da Fonseca, Dra. Gislene Maria da Silva Ganade, Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, respectivamente, do PPG em Biologia e Filosofia.

O caos dedilhado em planilhas Excel

A programação do *Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade*, a ser realizado de 16 a 19 de maio, na Unisinos, prevê a realização de vários cursos que se estenderão pelos três dias do simpósio. Os cursos se realizarão sempre no final da tarde, somando no seu conjunto, 4 horas e 15 minutos. Um dos cursos programados, e já confirmados, tem o sugestivo título “O caos dedilhado em planilhas Excel”. Esse curso será ministrado pelo Prof. Dr. Armando Lopes de Oliveira, professor na UFMG.

[\(Voltar ao índice\)](#)

IHU REPÓRTER



Carmo Heinemann

Acompanhar a chegada do homem à Lua, assistir Pelé jogar futebol e realizar uma inesquecível viagem ao Egito são experiências que marcaram o professor Carmo Heinemann, coordenador do curso de Física da Unisinos. Na entrevista a seguir, ao expor seus sonhos e anseios, ele relata os passos percorridos no decorrer de sua trajetória pessoal, estudantil e profissional.

Origens - Sou natural de Teutônia, município de colonização alemã do Vale do Taquari – RS. Meus pais eram agricultores, hoje estão aposentados. Morávamos junto com meus avós maternos. Tenho uma irmã 12 anos mais nova. A diferença de idade fez com que eu me sentisse, em parte, responsável pela educação dela.

Formação - Meus primeiros anos de escola, no primário até a 5ª série, foram cursados numa escola comunitária, lá no interior de Teutônia. A própria comunidade estruturou a escola, que ficava a três quilômetros da nossa casa. Foram cinco anos bastante sacrificados pois eram seis quilômetros de caminhada, todos os dias. O ginásio cursei à noite, na cidade de Teutônia, a oito quilômetros de casa. Caminhava os mesmos três quilômetros até a escola primária e de lá ia de carro, junto com outros colegas. Fiz esse trajeto por mais quatro anos e, apesar das dificuldades, fui premiado, no final do período, por não ter tido uma única falta. Cursei o científico no Colégio Martin Luther, em Estrela. Em 1975, prestei vestibular para Matemática, na UFRGS e na Unisinos. Passei nas duas universidades, mas optei pela Unisinos pela facilidade de conjugar os horários. Na época, os alunos de Matemática, Física e Biologia cursavam, inicialmente, Licenciatura em Ciências, com duração de três anos. Só depois se optava pela Licenciatura Plena. Optei por Matemática, mas o destino me levou ao curso de Física por um erro no preenchimento da ficha de matrícula. Assim, concluí o curso de Matemática em 1979 e o de Física em 1981. Em 1982, ingressei no mestrado do Programa de Pós-Graduação em

Engenharia de Minas, Metalúrgica e de Materiais, na UFRGS. Em 2001, iniciei o doutorado no mesmo Programa de Pós-Graduação, no qual estou em fase final.

Profissão - No terceiro ano do curso científico, em Estrela, trabalhei no Colégio Martin Luther, em atividades burocráticas, no turno da tarde. A partir de 1975, enquanto cursava a faculdade, já lecionava Matemática e Física na mesma escola. Em 1979, passei a lecionar Física na Unisinos. De 1985 a 1989 trabalhava, durante o dia, na Siemens-Icotron, uma indústria de componentes eletrônicos, em Gravataí, e à noite lecionava Física na Unisinos. Em 1989, passei a trabalhar 40 horas semanais na Unisinos, entre pesquisa e ensino. Fui, também, professor na Fundação Liberato Salzano Vieira Cunha, de Novo Hamburgo, em 1989, e no Senai-Cetemp, de 1989 até 2000.

Coordenação do curso - Em agosto de 2003, assumi a Coordenação do Curso de Física da Unisinos. É um cargo administrativo que exige muita dedicação e permanente atualização. Atualmente, estamos com a reformulação do curso em andamento, conjugado com a implantação do novo Curso de Licenciatura, baseado em programas de aprendizagem. É um desafio, mas a atividade é muito gratificante.

Família - Logo depois que comecei a trabalhar na Unisinos, me casei com a Maria, em 1981. Ela também é professora, atuando em uma escola estadual de São Leopoldo. Formou-se em Letras-Ingês, pela Unisinos. Temos dois filhos: o Lucas, de 22 anos, que estuda Engenharia Mecânica aqui na Unisinos, e o Mateus, de 13, que está no Ensino Fundamental, no Colégio Sinodal. O convívio familiar é essencial para o bem-estar do ser humano. Somos uma família de estudantes. Nossa vivência familiar gira em torno do estudo.

Autor - Fritjof Capra.

Livro - *Deuses, Túmulos e Sábios*, de C. W. Ceran.

Filmes - *Uma mente brilhante*, e *Apollo 13*, ambos de Ron Howard.

Um presente - Qualquer um, não tenho preferência. Tenho muita dificuldade em presentear, é um dos meus pontos fracos. Mas também não sou nada exigente na hora de receber presentes.

Nas horas livres - Os finais de semana passo em Teutônia, na terra em que nasci. Lá cuido dos animais, planto árvores e flores, limpo o pátio, jogo futebol e canastra.

Um sonho - Gosto muito de viajar. Tenho um roteiro pronto. Só falta marcar a data do embarque. Pretendo viajar para a Escandinávia para presenciar o Sol da meia-noite e a aurora boreal.

Momentos marcantes - Uma viagem que fiz ao Egito, principalmente no momento em que entrei na Pirâmide de Quéops e na tumba de Tutankamon. Passei pelos templos de Abu Simbel, de Karnak e de Luxor. Foram momentos que marcaram demais. Viajei, também, por Israel onde visitei diversos locais marcantes para o cristianismo. Outros momentos inesquecíveis foram o acompanhamento da chegada do homem à Lua, do resgate da Apollo 13 e de ver, ao vivo, o Pelé jogar futebol.

Os rumos da Física hoje - O ensino de Física deveria ter um enfoque diferente, num contexto mais amplo, principalmente nas escolas. Isso que ocorre hoje tem alguns motivos. Um é a falta de profissionais para ensinar Física. Muitas vezes, as escolas utilizam pessoas não qualificadas. Nota-se isso, quando recebemos os alunos em nosso curso. Eles trazem idéias erradas ou muito simplistas. A Física está numa encruzilhada: ou se retoma fortemente a formação de professores nessa área e a sociedade realmente assume a importância do conhecimento das leis da Física, da natureza, ou ela passa a usufruir de tecnologias geradas por essas leis e conhecimentos sem a preocupação de conhecer, só de usufruir. Isso é complicado para uma sociedade.

Unisinos - Uma instituição com os pés no chão. Ela tem uma estrutura de séculos que transmite, para as pessoas de fora, uma confiança muito grande, mas que, internamente, está em constante ebulição. Acompanhar essas mudanças é um desafio. A Universidade deve ser a responsável para indicar os rumos para a sociedade onde está inserida. Sinto-me gratificado em poder conviver nesse ambiente, ajudando a garantir a sustentabilidade e o desenvolvimento. Não é possível se acomodar aqui dentro.

IHU - Conheço o IHU e acompanho suas atividades pela revista **IHU On-Line**. Sua função é muito importante. Como ele trata de áreas que não são especificamente àquelas nas quais atuamos, ele é essencial, porque, às vezes, precisamos avaliar, analisar e saber que existem outras áreas, nos desligando um pouco da rotina. O IHU nos permite entrar em contato com outras idéias, sem um ônus de tempo muito grande, porque a revista traz tudo resumido.

SALA DE LEITURA



"O livro que indico é **Viagem a Marte. A busca da Nasa por vida fora da Terra**, do autor Laurence Bergreen, publicado em 2002 pela Editora Objetiva. O livro é composto de três partes denominadas de *A Missão*, em que trata de Marte na Terra; *A Mensagem na Garrafa*; *Verdade Terrena*; e do Espaço Sideral para o Ciberespaço. A parte dois, que aborda o *Código C*, enfocando o Tiroteio de Caltech; *A Honra do Time*; *Goddard*; e a *Pergunta-Gênese*. A parte três, *Descobrimo Marte*, engloba a *Ciência dos Foguetes*; *Espectros e Espíritos*; *Erro Humano*; e *Marte: Ou vai ou racha*. O autor faz uma análise e analogia de ambientes geológicos similares na Islândia às condições de Marte, sobre os avanços tecnológicos e suas relações com a ficção. O interessante do relato é a comparação dos dados com os novos fatos encontrados pelas explorações espaciais em Marte. Revela os bastidores da pesquisa científica na busca de uma renomada instituição como a Nasa, que procura mais informações sobre a existência de vida fora da Terra".

Prof. Dr. Marco Antonio Fontoura Hansen, geólogo, mestre em Geociências, doutor em Engenharia Civil - Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental e professor na Unidade de Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos.



"Estou lendo **Do amor e outros demônios**, de Gabriel Garcia Márquez. Cidade: Record, 1999, 221 páginas. Neste livro, García Márquez, conhecido como o mestre do realismo fantástico, mistura religiosidade, mistério e fanatismo, evocando um passado colonial para contar uma história de amor e solidão. A volúpia deste amor ardente e proibido é o ponto forte do drama relatado, evocando, quem sabe, nossos próprios demônios".

Prof.ª MS Vera Maria dos Santos Alves, mestre em Computação e professora na

[\(Voltar ao índice\)](#)

CARTAS DO LEITOR

A equipe do CEPAT parabeniza os três anos de vida do IHU. Em tão pouco tempo já faz tanto, e o faz com qualidade. Aos poucos, o IHU vai se tornando uma importante referência nacional para o debate dos grandes temas de nossa civilização. Particularmente, destacamos aqui o boletim IHU On-Line e os Simpósios promovidos anualmente. O boletim é uma das boas – e melhores -, coisas que surgiu no Brasil nesses últimos anos. Material de qualidade, de abordagem a conteúdos inovadores, ineditismo em suas entrevistas, sempre atento a temas que contribuem para repensar a práxis social. O mais importante, não se trata de uma produção que se aferra e se encerra apenas no mundo acadêmico mas faz interlocução com o mundo que está fora da Universidade. Pensamos que os Simpósios estão na mesma direção. Deixamos a toda a equipe do IHU um grande abraço na passagem desses três anos de existência e agradecemos o convite para a participação das atividades e fazemos votos que muitos anos venham pela frente.

Equipe do CEPAT

Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores
Curitiba - PR.

ENQUETE NO SÍTIO DO IHU

Acesse www.ihu.unisinos.br e participe!

Está em debate a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, assinada por 192 países no âmbito das Nações Unidas que aposta na erradicação da cultura do fumo. Hainsi Gralow, presidente da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), no artigo “Controle do tabaco, sim. Erradicação, não”, publicado no jornal Folha de S.Paulo, 27-9-04, se posiciona contra a ratificação. Entre outros motivos, ele mostra que, nos Estados do Sul, o número de fumicultores, na atual safra, chegou a 190.270. Cada um desses produtores retira do tabaco o próprio sustento e o de toda a família. Um hectare de fumo rende ao produtor rural R\$ 11 mil, enquanto o plantio de um hectare de soja rende R\$ 2.500. Podemos falar, também, do feijão (R\$ 1.300 por hectare) e do milho (R\$ 1.000 por hectare). Afirma, ainda, que a atividade fumageira envolve uma cadeia produtiva responsável por cerca de 1 milhão de empregos diretos. Segundo Hainsi Gralow, “a cultura do fumo no Brasil é uma atividade rentável, exportadora e estratégica. Só com impostos, o governo arrecada R\$ 6 bilhões”.

Na tua opinião, o governo brasileiro deve ratificar a Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco?

- Sim, porque sou a favor da erradicação do tabaco.
- Não, porque sou favorável ao controle, mas não à erradicação.

- () Não, porque sou contra a erradicação.
- () Não tenho opinião formada sobre o assunto.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Diretora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS